

REVISTA

VOLUME XIX - 2021

TAMISES

19

*Academia de Letras
da Grande São Paulo*



TAMISES
VOLUME XIX - 2021

REVISTA
DA ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

*PRO BONO
ET BELLO*

Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Revisão

Maria Zulema Cebrian

Sérgio Ballaminut

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação

Roberta Giotto

Capa

Rodrigo Nunes

Impressão

Hawaii Gráfica e Editora

Impresso em 5 de novembro de 2021

Copyright@2021 – da ALGRASP

*Permitida a reprodução de textos originais,
mesmo parciais, e por qualquer processo,
com autorização da ALGRASP*

*Os conceitos emitidos pelos articulistas
e/ou manifestantes são de inteira
responsabilidade de seus autores.*



Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09521-520
São Caetano do Sul – SP
Tel.(0xx) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrasp@gmail.com

*Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil*

DIRETORIA

Presidente de Honra

Tite Campanella
(Interino)

Presidente

Maria Zulema Cebrian

Vice-Presidente

José Roberto Espíndola Xavier

Secretário

André Aparecido Bezerra Chaves

Tesoureiro

Sebastião G. Ferreira Gomes

Coordenação da Biblioteca

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Conselho Fiscal

Humberto Domingos Pastore

José Bueno Lima

Clóvis Roberto dos Santos



CADEIRA
01

Patrono:
Gustavo Teixeira
Acadêmico:
**SEBASTIÃO GERALDO
FERREIRA GOMES**



CADEIRA
02

Patrono:
Olavo Bilac
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
03

Patrono:
Guilherme de Almeida
Acadêmico:
**MARIA ZULEMA
CEBRIÁN**



CADEIRA
04

Patrono:
Rui Barbosa
Acadêmico:
**AGNALDO L.
SACRAMENTO**



CADEIRA
05

Patrono:
Lima Barreto
Acadêmico:
MILTON BIGUCCI



CADEIRA
06

Patrono:
Machado de Assis
Acadêmico:
**ANDRÉ APARECIDO
BEZERRA CHAVES**



CADEIRA
07

Patrono:
Raul de Leoni
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
08

Patrono:
Monteiro Lobato
Acadêmico:
**MÁRIO PORFÍRIO
RODRIGUES**



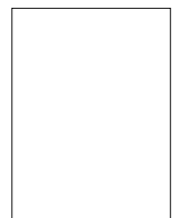
CADEIRA
09

Patrono:
Rinaldo Gissoni
Acadêmico:
ANA MARIA STOPPA



CADEIRA
10

Patrono:
José de Anchieta
Acadêmico:
**PADRE JORDÉLIO
SILES LEDO**



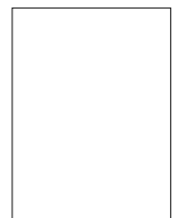
CADEIRA
11

Patrono:
Rocha Pombo
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
12

Patrono:
Herculano Pires
Acadêmico:
**ANA CRISTINA SILVA
ABREU**



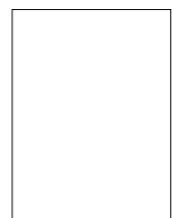
CADEIRA
13

Patrono:
Alberto Torres
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
14

Patrono:
Álvares de Azevedo
Acadêmico:
JOSÉ BUENO LIMA



CADEIRA
15

Patrono:
Martins Fontes
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
16

Patrono:
Euclides da Cunha
Acadêmico:
**CLÓVIS ROBERTO
DOS SANTOS**



CADEIRA
17

Patrono:
José de Alencar
Acadêmico:
JOSÉ CARLOS DONADÃO



CADEIRA
18

Patrono:
Judas Isgorogota
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
19

Patrono:
D. Aquino Correa
Acadêmico:
**HUMBERTO DOMINGOS
PASTORE**



CADEIRA
20

Patrono:
Mário de Andrade
Acadêmico:
SÉRGIO BALLAMINUT



CADEIRA
21

Patrono:
José Lins do Rego
Acadêmico:
GONÇALO JÚNIOR



CADEIRA
22

Patrono:
Castro Alves
Acadêmico:
JOSÉ JÚLIO FERNANDES



CADEIRA
23

Patrono:
Tristão de Athayde
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
24

Patrono:
Alberto de Oliveira
Acadêmico:
**JOSÉ ROBERTO E.
XAVIER**



CADEIRA
25

Patrono:
Vinicius de Moraes
Acadêmico:
**ALCIDÉA MIGUEL
DE SOUZA**



CADEIRA
26

Patrono:
Cecília Meireles
Acadêmico:
EVA BUENO MARQUES



CADEIRA
27

Patrono:
Jorge Andrade
Acadêmico:
VAGA



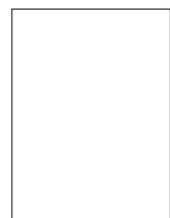
CADEIRA
28

Patrono:
**Catulo da Paixão
Cearense**
Acadêmico:
JOÃO BOSCO DOS SANTOS



CADEIRA
29

Patrono:
Humberto de Campos
Acadêmico:
ROBERTO DE CARVALHO



CADEIRA
30

Patrono:
Augusto dos Anjos
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
31

Patrono:
Gonçalves Dias
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
32

Patrono:
Manuel Bandeira
Acadêmico:
**CLAUDIO ROGÉRIO
BRACO**



CADEIRA
33

Patrono:
Amadeu Amaral
Acadêmico:
JOSÉ RAMOS VITORINO



CADEIRA
34

Patrono:
**Carlos Drummond de
Andrade**
Acadêmico:
DANIEL BELUCCI CONTRO



CADEIRA
35

Patrono:
Plínio Salgado
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
36

Patrono:
Cora Coralina
Acadêmico:
SILMARA R. CASADEI



CADEIRA
37

Patrono:
Afonso Schmidt
Acadêmico:
**CELSO DE ALMEIDA
CINI**



CADEIRA
38

Patrono:
Mário Quintana
Acadêmico:
**MARIA DO CÉU
FORMIGA DE OLIVEIRA**



CADEIRA
39

Patrono:
Casemiro de Abreu
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
40

Patrono:
Guimarães Rosa
Acadêmico:
**PAULO DE SOUZA
RAMOS**

SÓCIO
CORRESPONDENTE



**FLÁVIO
MELO**



**ANA LUIZA
ALMEIDA
FERRO**



**VALDÍVIA
BEAUCHAMP**

17

Apresentação

19

Intercâmbio
Revista
Tamises 18

23 Textos

24

VIAJANTES E MISSIONÁRIOS

Maria Zulema Cebrian

30

HISTÓRIAS QUE SALTAM DOS LIVROS:
A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA

Ana Cristina Silva Abreu

34

JORGE DE LIMA: QUATRO FASES
DE UMA MESMA POESIA

Flávio Mello

40

CECILIA, A ADMIRÁVEL
“PASTORA DAS NUVEIS”

Eva Bueno Marques

48

O ORGULHO E A TOLICE

Roberto de Carvalho

52

PRATICAR RIMAS DESENVOLVE
A ALFABETIZAÇÃO E O GOSTO
PELA LITERATURA

Alcidéa Miguel de Souza

57

A ETERNIDADE E UM DIA
PARA ERNEST HERMINGWAY

Gonçalo Junior

61

CRÔNICAS SOBRE O FALAR DA MINEIRIDADE –
A VOZ E O DISCURSO DE MINAS

Celso de Almeida Cini

65

ALGUMA POESIA NO BREJO DAS
ALMAS E O SENTIMENTO DO MUNDO

Sérgio Ballaminut

68

TEXTO E CONTEXTO

Clóvis Roberto dos Santos

72

O KARL QUE PRECEDEU MARX – AVENTURAS
INSÓLITAS DE UM JOVEM INQUIETO

André Chaves

78

UMA EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA NO AMAZONAS

Humberto Domingos Pastore

83

COMO FAZER O BRASIL ANDAR

Milton Bigucci

86

REFLEXÕES SOBRE A VIDA

João Bosco dos Santos

90

POR UMA NOVA AUTONOMIA

José Roberto Espindola Xavier

95

O DISCRETO OLHAR SOBRE A ESPERANÇA

Maria do Céu Formiga de Oliveira

98

OS LITERATOS: HAROLDO SANTOS ABREU,
PAULO MARÇAL DE OLIVEIRA, OCTAVIANO
ARMANDO GAIARSA

José Bueno Lima

103 Poesias

104 LOUCA MIRAGEM
INVISÍVEL, MAS PRESENTE
PAROU PARA VER
CREIO EM DEUS
TRISTE PONTO NA MEMÓRIA
Sebastião Geraldo F. Gomes

In Memoriam

108 TONEL DAS DANAIDAS
A NOITE É SUAVE
OLHOS VERDES
VERÃO NA BAHIA
Rinaldo Gissoni

110 ANGUSTIA
ÚLTIMA ESPERA
NOITE TRISTE
TRAMA
Gioconda Labecca

Apresentação

**Maria
Zulema
Cebrian**

Presidente da
Academia de
Letras da Grande
Sao Paulo

Parabéns à Academia de Letras da Grande São Paulo — 40 anos de existência e serviço vocacionado consagrando as atividades culturais literárias com textos relevantes e atuais e ofertando qualidade à Literatura para o município e região.


Nossos agradecimentos “in memoriam” a Rinaldo Gisoni, fundador desta instituição e a ex-presidente Gioconda Labecca.

Os Acadêmicos, se orgulham de fazer parte deste Sodalício como guardiões de sua história!!! Buscando oferecer aos amantes da arte e da cultura um pilar transformador e a esperança de uma vida melhor e mais plena.

Esta celebração trouxe luz a este ano em que, novamente tivemos que enfrentar a diversidade. A notícia que abalou e transformou o comportamento mundial em 2020 continua em sua caminhada. Contrariando as expectativas, mostrou-nos que ainda poderia ser pior, cerceando-nos e limitando-nos diante de sua força. Uma série de dificuldades em sequência que interferiram e interferirão nas esferas políticas e sociais. Contudo, buscamos força e tenacidade para dar continuidade ao nosso trabalho, fundamentado e motivado na vontade de engrandecer a cultura e a literatura.

No entanto, nossa Academia, baseada na vontade de realização do crescimento cultural, apresenta-lhes a Revista Tamises 19, onde compilamos uma variedade temática, constituída a partir da demanda espontânea do trabalho de todos aqueles que, com sua persistência e determinação, pulsam o coração desta Casa.

A Revista Tamises nos permite apresentar a vivência da arte de escrever, permitindo-nos vislumbrar um mundo com um grau alto de qualidade, atendendo as exigências transformadoras do poder da palavra escrita.

Mais um ano se encerra e nele desfrutamos de grande satisfação com o resultado de nossas atividades. 

No ano de 2020 a **ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO**, mediante intercâmbio cultural, divulgou sua revista **Tamises 18** com as Academias de Letras do Brasil, jornais, jornalistas, entidades de classe e visitantes.

Academia de Letras do Norte Pioneiro, PR;
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia Paulista de Letras, São Paulo, SP;
Academia de Letras da Bahia, Salvador, BA;
Academia Paranaense de Letras, Curitiba, PR;
Academia de Letras do Vale do Iguaçu, União da Vitória, PR;
Academia de Letras de Rondônia, Porto Velho, RO;
ABEC-Academia Bras.Educ. Cult.Ltda., Rio de Janeiro, RJ;
Academia Amazonense Letras, Manaus, AM;
Academia Cachoeirense de Letras, Cachoeira de Itapemirim, ES;
Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE;
Academia das Letras do Noroeste de Minas, Paracatu, MG;
Academia de Ciências e Letras de Conselho Lafaiete, MG;
Academia de Ciências e Letras de Maricá, Maricá, RJ;
Academia Guanabarina de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia de Letras Ciências e Artes de Manaus, Manaus, AM;
Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia, GO;
Academia Caxiense de Letras, Caxias, MA;
Academia de Letras do Brasil Mariana, Mariana, MG;
Academia Poços Caldense de Letras, Poços de Caldas, MG;
Academia Pouso-Alegrense de Letras, Pouso Alegre, MG;
Ateneu Angreense de Letras e Artes, Angra dos Reis, RJ;
Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro, RJ;

Academia Santo-Angelense de Letras, Santo Ângelo, RS.
AFEMIL – Academia Feminina Mineira de Letras, MG
Associação Cultural Raul Pompeia, RJ

Nota: Recebemos de todas as Academias agradecimentos, revistas, jornais, e livros dos mesmos.

Jornal Diário do Grande ABC, jornalista Ademir Médici;
Jornal A Tribuna do ABC jornalista Antonio Júlio P. de Moraes;
Jornal ABC News;
Rudge Ramos Jornal;
Jornal Folha de São Caetano;
Jornal ABC Repórter;
Jornal ABCD Maior;
Jornal Folha do ABC;
Jornal Politika do ABC;
Jornal de São Caetano;
Jornal Giro ABC;
Jornal Hoje Jornal;
Jornal Gazeta de São Paulo;
Jornal O Estado de São Paulo;
Jornal Folha de São Paulo;
Jornalista Arnaldo Niskier, Jornal das Letras;
Jornalista Aníbal Cavalcanti;
Jornalista Umberto Del Maestro;
Jornal Ateneu Angreense de Letras;
Jornal Tribuna de Lavras;
Jornalista Ivis Gandra Marins;
Jornalista Márcia Dutra;
Neide B. Rego, Escritora e Jornalista;
Dr. William Mofitt, Academia dos Escritores Médicos;
Vencedores do último Concurso de Contos e Dissertações,
promovido pela Algrasp;
Ong Sebo Cultural de Campanha;
Vencedores do Concurso Literário Nicola Tortorelli. 



Textos

VIAJANTES E MISSIONÁRIOS

*Maria
Zulema
Cebrian*

Daremos sequência à apresentação desses importantes missionários que nos permitiram, por sua escrita, desvendar aspectos das paisagens, da vida indígena, dos grupos sociais que surgiam e as condições primitivas de uma cultura que, apenas mais tarde, seria reconhecida como palavra-arte.

Os primeiros escritos da colonização documentam a instauração do processo colonizador: são informações colhidas pelos viajantes e missionários europeus que, durante esse período, reuniram dados sobre a natureza e o homem brasileiro.

Embora sejam escritos aos quais não poderíamos chamar de literatura, são crônicas históricas que nos apresentam irrestritas informações da época, um reflexo sobre a visão de mundo e da linguagem que nos foi deixada como legado pelos primeiros observadores deste país.

Resumo da Parte I

Edição Tamises 18

— Carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei Dom Manuel, referindo o descobrimento de uma nova terra e as primeiras impressões da natureza e do aborígene;

— Diário de Navegação de Pero Lopes e Souza, escrivão do primeiro grupo colonizador, o de Pero Lopes de Sousa (1530).

Parte II

Pero de Magalhães Gandavo

Escritor português, nascido em Braga, descendia de flamengos, como seu nome indica: Gandavo corresponde a Gantois, morador ou filho de Gand. Amigo de Camões, insigne humanista e excelente latino, de cuja língua abriu escola pública entre Douro e Minho, onde foi casado, assegura Barbosa Machado. Devem-se a ele os primeiros informes sistemáticos do Brasil. Residiu por algum tempo no Brasil e no Reino continuou a lembrar-se da colônia, escrevendo Tratado da Terra do Brasil — História da Província de Santa Cruz, no qual se encerram informações das cousas que há nestas partes. Esta obra foi redigida por volta de 1570, não foi publicada em vida do autor, vindo à luz, apenas em 1826 pela Academia Real das Ciências de História de Portugal.

“Tudo se pode crer, por difícil que pareça, porque os segredos da natureza não foram revelados a todos os homens para que com razão possa negar e ter por possível às cousas que não viu; nem de que nunca teve notícia”.

Uma contribuição importante onde encontramos a psicologia do povo brasileiro. Os primeiros viajantes que viram nossas plagas ficaram enlevados com suas belezas; “se houver Paraíso na Terra não deve ficar longe”, afirmou Vespúcio. No entanto, esse sentimento não podia abrigar os primeiros habitantes, no meio de todas as povoações

e contrariedades em que se agitavam. O tom é sóbrio e traz uma simplesza que vem de um espírito franco e atento com o que se depara, sem apelo fácil a construções imaginárias. Gandavo transmite a visão geográfica geral da terra e, em particular, a das capitânicas. Lendo-o, percebemos, por exemplo, que a escravidão se iniciou de pronto para suportar o ônus da vida colonial:

É a primeira coisa que [os moradores] pretendem adquirir são escravos para lhes fazerem suas fazendas e, se uma pessoa chega na terra a alcançar dous pares, ou meia dúzia deles (ainda que outra coisa não tenha de seu). Logo tem remédio para poder honradamente sustentar sua família: porque um lhe pesca e outro lhe caça, os outros lhe cultivam e granjeiam suas roças e desta maneira não fazem os homens despenda em mantimentos com seus escravos nem com suas pessoas. (História da Província de Santa Cruz cap IV)

Como se deu a conciliação entre o homem e a terra e se transformou em entusiasmo? Quem primeiro se sentiu bem no novo meio?

Responde Gandavo no seu Tratado:

“Este vento da terra é muito perigoso e doentio; e se acerta de permanecer alguns dias, morre muita gente assim portugueses como índios da terra, mas quer Nosso Senhor que aconteça isto poucas vezes; e tirado este mal, é esta terra muito salutífera e de bons ares, onde as pessoas se acham bem dispostas e vivem muitos anos, principalmente os velhos têm melhor disposição e parece que tornam a renovar, e por isso alguns não querem tornar às suas pátrias temendo que nela se ofereça a morte mais cedo”. Assim os temores da velhice precederam os ardores da mocidade.

Gandavo estava ciente de seu papel de pioneiro.

Segue um trecho de sua obra em que o autor narra episódios que culminam com a matança por parte dos selvagens, de portugueses e escravos:

Os Aimorés

“Pelas terras desta Capitania até junto do Espírito

Santo, se acha uma certa nação de gentio que veio do sertão há cinco ou seis anos, e dizem que outros índios contrários destes, vieram sobre eles e suas terras, e os destruíram todos e os que fugiram são estes que andam pela Costa. Chama-se Aimorés, a língua deles é diferente dos outros índios, ninguém os entende, são eles tão altos e tão largos de corpo que quase parecem gigantes; são mui alvos, não tem parecer dos outros índios na terra e nem tem casas nem povoações onde morem, vivem entre os matos como brutos animais; são mui forçosos em extremo, trazem uns arcos mui compridos e grossos conforme as suas forças e as flechas da mesma maneira. Estes índios têm feito muito dano aos moradores depois que vieram a esta Costa e mortos alguns portugueses e escravos, porque são inimigos de toda a gente. Não pelejam em campo nem tem animo para isso, põem-se entre o mato junto dalgum caminho e tanto que passa alguém atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem e não despedem flecha que não empreguem. Finalmente, que não tem rosto direito a ninguém, senão a traição fazem a sua. A mulheres trazem paus tostados com que pelejam.”

Aqui, contrariamente à afirmação de que sua obra é antes natural que civil, pode-se observar uma análise profunda e detalhada da vida em comum dos Aimorés, seus costumes e suas relações pouco amistosas com as outras nações silvícolas, etc.

Gabriel Soares de Sousa

Sertanista português nascido em Lisboa. Veio ao Brasil acredita-se em 1567 e se estabeleceu na Bahia, depois de adquirir um engenho. Fez fortuna, o que lhe permitiu ingressar na política. Mais tarde vai à Espanha, onde tentaria obter o monopólio na exploração do ouro, em razão da descoberta de veios auríferos por seu irmão; para tanto, levou consigo minucioso trabalho a respeito do Brasil. Sofreu um naufrágio à altura de Sergipe, mas se salvou. Morreu ao intentar separar uma briga de indígenas.

Seus escritos caracterizam-se pelo movimento de sua narrativa, embora tenha, em alguns trechos, chegado a empregar uma linguagem simples e de rudeza sensível.

Sua obra se caracterizou mais pela exatidão das descrições topográficas do que propriamente pelo valor literário. Seu relato não visava fazer literatura, mas sim, escrever um minucioso trabalho sobre o Brasil, objetivo que conseguiu realizar. Descreveu nossa agricultura, zoologia, florestas, topografia, mineralogia, horticultura etc. É considerado, pela grande maioria da crítica, como o melhor autor da literatura feita no Brasil durante o século XI.

Sua obra “Tratado Descritivo do Brasil” relata a história brasileira desde os descobridores à repartição das terras e também descreve nossas costas. A obra está dividida em duas partes: a primeira, Roteiro Geral da Costa Brasileira (74 capítulos), e a segunda, Memorial e Declaração das Grandezas do Brasil (196 capítulos).

Segue um trecho de sua obra.

Das Pacobas ou Bananas da Terra

“Pacoba é uma fruta natural desta terra, a qual se dá em uma árvore muito mole e fácil de cortar, cujas folhas são de doze a quinze palmos de comprido e de três a quatro de largo; as de junto ao olho são menores, muito verdes umas e outras, e a árvore da mesma cor, mas mais escura; na Índia chamam a estas pacobeiras figueiras e ao fruto figo.

Cada árvore destas não dá mais que um só cacho que pelo menos tem passante de duzentas pacobas; e como este cacho está de vez, cortam a árvore pelo pé e de um só golpe que lhe dão com uma fouce a cortam e ceceiam, como se fora um nabo, do qual corte corre logo água em fio, e dentro em vinte e quatro horas torna a lançar no meio do corte um olho muito grosso donde se gera outra árvore; de redor deste pé arrebentam muitos filhos que nos seis meses dão fruto e o mesmo faz à mesma árvore. É como se corta esta pacobeira, tiram-lhe o cacho que tem o fruto verde e muito teso, e dependuram-no em parte onde amadureça, se façam amarela as pacobas; e, na casa onde se fizer foto amadurecem mais depressa com a quentura; e como esta fruta está madura, cheira muito bem”.

Bastante descritivo, apresenta os variados tipos de pacobas, seu sabor, processo de colheita e seu emprego pelos silvícolas etc., com muita exatidão, até mesmo de cometer

a impropriedade de comparar, confundindo, a bananeira e seu fruto com a figueira indiana.

Com a simplicidade nada clássica que caracteriza o estilo de todos os viajantes que nessa época escreveram sobre o povo e a terra brasileira, Gabriel Soares de Souza narra, admirado, para olhos e ouvidos europeus, as maravilhas da flora do Brasil.

A exatidão não era uma virtude cultivada pelos viajantes e missionários, como podemos constatar nos trechos que vimos apresentando em nossos artigos. **T**

Maria Zulema Cebrian

Cadeira 03 – Patrono Guilherme de Almeida

Bibliografia:
Varhagem – História do Brasil. Tomo Primeiro
Alfredo Bosi – História concisa da Literatura Brasileira – Capítulo I

HISTÓRIAS QUE SALTAM DOS LIVROS: A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA

Ana Cristina
Silva Abreu

A capacidade de se comunicar pela via escrita balizou todo o desenvolvimento das sociedades humanas. A importância da existência de leitores aptos a uma boa compreensão foi e é imprescindível para a produção e câmbio de conhecimento cultural e científico.

A escola posiciona-se como oportunidade para que o aluno dialogue com diversos falares, compreendendo e expressando-se adequadamente segundo o contexto e o receptor. A compreensão e a habilidade de utilização dos diversos níveis de linguagem só se completam através da prática da leitura, que municiona o leitor de vocabulário, compreensão gramatical e habilidades estilísticas. Para ZANINI (1999: 79-88), o aluno só apreciará o ato de ler e de escrever se nisto enxergar uma fonte de prazer.

Através deste envolvimento com a palavra escrita, novos mundos surgem para o educando, o conhecimento torna-se mais acessível e pode ser buscado por conta própria. E para que isto seja possível, não se pode contar apenas com um nível “técnico-rudimentar” de alfabetização, como exemplifica FERREIRO (1992: 16), que possibilite apenas a compreensão de breves textos e palavras esparsas, uma leitura de baixa qualidade e que não apresenta grande valia ao desenvolvimento do cidadão.

Como explicita GREGORIN (2009: 75), é preciso que a criança se habitue aos diferentes gêneros literários. Não se pode expô-la a um poema e esperar que ela encontre a arte ali contida e compreenda seu sentido sem ter antes se familiarizado com tal leitura. Sem medo de parecermos simplistas evocando o hábito como solução, a verdade é que compreendemos apenas, sim, o que estamos habituados a ler.

Segundo ZILBERMAN (2003: 25), o relacionamento existente entre a literatura infantil e a sala de aula decorre de ambas apresentarem um aspecto em comum, que é sua natureza formativa. Possuem atuação ativa e dinâmica sobre o receptor, garantindo que este não permaneça indiferente aos seus efeitos.

À escola cabe estabelecer o diálogo com a literatura infantil. É bem verdade que a influência da família é fundamental. Pais leitores criarão filhos leitores. Mas, encontramos aqui duas questões. Inicialmente, nem todas as famílias podem ser chamadas de “leitoras”, o que leva à conclusão de que a escola deve preencher esta lacuna. Além disso, mesmo no caso de pais comprometidos com a literatura, estes, na maioria dos casos, não são especialistas, não dispendo de todo o contingente cultural compartilhado (ou que deveria ser compartilhado) na escola.

A escola assume, então, o papel de ponte. Realiza o intercâmbio entre os diversos textos nos níveis de linguagem aos quais a criança está exposta, ordenando suas experiências e extraindo delas a possibilidade de posicionar-se com autonomia frente à literatura.

Mas como encarar este planejamento de forma satisfatória? SOUZA (2010: 76-77) afirma que é preciso refletir sobre como a escola tem mediado a relação de seus alunos com a literatura. Presos a manuais e alheios a instrumentos de leituras outros que não os instituídos previamente para o ano letivo, os professores experimentam um fracasso generalizado.

O livro, para ser visto com menos resistência pelo aluno, não pode ser mero objeto para avaliação. Os infundáveis questionários para aferição de entendimento são por demais limitados e limitadores da ação criativa e da autonomia que se espera desenvolver.

Arte Literária ou Pedagógica?

Há pouco tempo autores e pesquisadores voltaram sua análise para a literatura infantil ou juvenil como produto destacado da literatura em geral, direcionada aos adultos.

COELHO (2000: 46-47) evidencia que as origens da

literatura infantil, que apenas desde o século XVII assumiu a forma específica “para crianças”, suscita a polêmica: pertenceria ao campo da arte literária ou à área pedagógica? Pode-se entender que estas obras pertencem, simultaneamente, às duas áreas, de forma interdependente.

É arte pelo aspecto do entretenimento, quando diverte, distrai, provoca emoções e modifica a consciência de mundo de seu leitor. Por outro lado, é utilizada como instrumento que é manipulado com intenção educativa, inserindo-se no âmbito pedagógico. Entre os extremos arte e pedagogia, o divertir e o ensinar estão sempre presentes, em medidas diferentes.

As duas polaridades, bem como as tendências de cada época, podem nos levar à confusão sobre o verdadeiro papel da literatura infantil. No entanto, é interessante lembrar que a finalidade da literatura para crianças é “a de promover uma leitura de qualidade para que o leitor mirim possa sentir-se recompensado ao ler, seja porque aprendeu, seja porque venceu obstáculos, seja porque se emocionou com os poemas ou narrativas que leu” (COSTA, 2007: 42). Assim, não nos parece possível desassociar arte e pedagogia, mas apenas concentrar-se com mais empenho em uma ou outra.

Sala de Aula

Para analisar as possibilidades de utilização da literatura infantil na sala de aula, devemos entender que a criança é um indivíduo aprendiz da cultura do grupo em que está inserida e que a literatura é um fenômeno de linguagem que resulta das vivências experimentadas pelos autores dos livros. Ou seja, tanto quem escreve quanto quem lê carrega o texto escrito/lido de suas próprias experiências. Este é o diálogo entre leitor e texto.

Podem ser extraídas das experiências de GREGORIN (2009: 78-89) e OLIVEIRA (2012: 18-38) algumas experiências em sala de aula, tais como: quebra-cabeça ou dominó com trechos dos textos, rodas de leitura, oficinas de arte a partir da temática do livro, dramatização, teatro de sombras ou fantoches, “leitura na rede” através de blogs

e hipertexto, leitura em sala de aula em capítulos, como uma novela, criação de propaganda de livro ou reportagem, feira cultural, mural didático, uso de flanelógrafo ou imanógrafo, onde a criança possa prender figuras e contar a história, criação de álbuns, transparências, proposição de trabalhos textuais após assistir filmes e desenhos, além de pesquisas e seminários.

Conclusão

Para ter sucesso em tal projeto, é preciso que nos despojemos dos preconceitos e dos lugares-comuns que ditam nossa relação com a literatura dentro da sala de aula. Focar justificativas nas máximas de que simplesmente os brasileiros – e muito notadamente as crianças – não gostam de ler não traz qualquer solução ao contundente problema do declínio da capacidade de leitura e compreensão.

É imprescindível que as atividades estimulem sempre esta intimidade, demonstrem o caráter instigante da literatura, descortinem um mundo de conhecimentos e autonomia através da mescla estudo e diversão, propiciando ao discente encontrar prazer em uma boa leitura.

Vale salientar que o ingrediente mais importante é a criatividade aliada à experiência do professor. Ainda que trabalhando em uma escola com poucos recursos, o essencial para transmitir a importância da literatura e desenvolver o interesse pela leitura é imaterial: a motivação do educador diante de uma história. **■**

Ana Cristina Silva Abreu
Cadeira 12 – Herculano Pires

REFERÊNCIAS
COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7 ed. 12ª reimpressão. São Paulo: Moderna, 2011.
COSTA, Marta Moraes da. *Metodologia do Ensino da Literatura Infantil*. 20 ed. Curitiba: Ibpex, 2007.
FERREIRO, Emilia. *Com Todas as Letras*. São Paulo: Cortez, 1992.
GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores*. 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Dinâmicas em Literatura Infantil*. 15 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia*. 10 ed. São Paulo: Forense Universitária, 2010.
SOUZA, Ana A. Arguelho de. *Literatura Infantil na Escola: a leitura em sala de aula*. Campinas: Autores Associados, 2010. (Coleção Formação de Professores).
ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

JORGE DE LIMA: QUATRO FASES DE UMA MESMA POESIA

**Flávio
Mello**

Ter Arte é ter Paixão. Não há Paixão sem verso...
O Verso é a Arte do Verbo – o ritmo do som...
Existe em toda a parte, ao léu da Vida, áspero
E a Música o modula em gradações de tom...

Paixão e Arte – Jorge de Lima

As partes de um todo.

A Primeira Fase do poeta Jorge de Lima é a Parnasiana, onde estão seus poemas iniciais publicados, sonetos ornados no melhor dessa escola, que levam a crítica a lhe dar o título de o Príncipe dos Poetas Alagoanos. Contudo, para Lins do Rego, Jorge de Lima “tinha a sua alma em camisa de força, somente para encher de satisfação a retórica.” (Lima Jorge de, 1997, p. 71). Obviamente que não concordo com esse pensamento do autor de Menino de engenho, primeiro por que não vejo o parnasianismo como uma prisão, uma vez que temos em diferentes poetas parnasianos textos com aberturas de grande aprofundamento intimista e nada superficial ou descritivo; segundo, os poemas de Jorge de Lima dessa fase são de muito bom gosto e de excelente performance. Podemos encontrar, em XIV Alexandrinos, quando o autor contava vinte e um anos, o curioso “O Acendedor de Lampiões”, por exemplo, que além de ser um texto descritivo, expositivo, consegue elevar a ideia para o plano social, inflamando as questões e debates, expondo como vivem muitos dos trabalhadores de determinadas cidades.

O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!

Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente.

Triste ironia atroz que o senso humano irrita: —
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como este acendedor de lampiões da rua!

(LIMA, Jorge de, 1997, p. 192)

Jorge de Lima não trai a literatura clássica, ou os colegas parnasianos, ao aderir de vez à poesia modernista, e à Escola de 22; ele apenas dá um passo desbravador a um novo universo poético, sua Segunda Fase – a Modernista (regional e folclórica), sua primeira conversão, daí a metamorfose; o casulo é a “camisa de força”, de que tanto Lins do Rego fala, que aprisiona a verve poética do poeta alagoano. Surgem com o modernismo novos ares para as novas cores e sabores em sua poesia. O príncipe dos poetas alagoanos seguiu os passos do poeta Manuel Bandeira, que também fez seu carnaval na poesia. Assim como Bandeira, Lima vestiu de meninice e cores sua nova poesia. Essa transição se deu com o célebre poema O mundo do menino impossível, de 1925.

O menino “impossível”, que todos nós certamente já o fomos, em análise pessoal, pode ser visto de várias maneiras; apresento duas:

1.O menino impossível visto claramente no poema, um menino criativo, sonhador e peralta, que faz do todo palco fértil de suas brincadeiras, levando as mães em coro a dizerem: “Eita, menino impossível.”

2.(De tom estilístico) a sátira com o parnasiano, como o fez Manuel Bandeira com “Os Sapos”. Jorge de Lima abandona os brinquedos caros, e preciosos, e passa a brincar com o que a terra lhe oferece, nesse caso, sua terra e seu povo.

Assim temos nesse menino, que podemos relacionar com certas atitudes,

“O menino impossível
Que destruiu
Os brinquedos perfeitos
Que os vovôs lhe deram: (...)”

(LIMA, Jorge de, 1997, p. 203)

o poeta que agora (re)nasce, que abandona as formas clássicas da poesia que os mestres ensinaram, ou ainda, nas palavras de Benjamin Lima:

O que “poeta impossível” desdenhou eram odes, sonetos, baladas, cantos reais – produtos e documentos de uma cultura demasiado evoluída e velha, e, por isso, incapaz de exprimir os estados d’alma criados por uma perspectiva – e nada mais!...

(LIMA, Jorge de, 1997, p. 80)

E após esse rompimento com a escola parnasiana, tanto o poeta quanto o menino podem agora brincar livremente em terrenos e versos, “E o poeta impossível, à maneira do menino idem, tira do nada um mundo maravilhoso”. (LIMA, Jorge de, 1997, p.81)

Ao entrarmos na Terceira Fase de da poesia de Jorge de Lima, a meu ver a mais importante, que é a Restauração da poesia em Cristo, deparamo-nos com um poeta mais maduro e consciente de seu ofício. Tristão de Ataíde descreve no Jornal “O Diário” de Belo Horizonte, o momento em que recebe do coautor do livro Tempo e Eternidade (de

1935), Murilo Mendes, uma cópia do volume escrito ao lado de Jorge:

“[...] foi tal a impressão recebida que não posso, nesta crônica de exaltação da grade e pura arte cristã, passar em silêncio essa publicação considerável para a história de nossa poesia. [...]”

(LIMA, Jorge de, 1997, pg. 81)

O livro em questão é o pórtico da grande visão da poesia por parte dos dois poetas e uma das fases de Jorge de Lima tão malvista, ou interpretada, como queiram. É a partir desse exato momento, ao lado de Murilo Mendes, e com total apoio do poeta surrealista, que a fronteira jorgiana ganha, no espaço/tempo, maior terreno na poesia “Porque esses poemas refletem diretamente a beleza dogmática da verdade.” (LIMA, Jorge de, 1997, p. 81).

São dessa fase os livros:

- Tempo e Eternidade;
- A Túnica Inconsútil;
- Encontro e Anunciação de Mira-Celi.

A dupla Cristã polindo o verso da restauração (o verso cristão), evocou do lirismo moderno o mais puro e verdadeiro sentimento poético, o fabuloso despertar ante ao mundo, em presença de Deus. Os versos apresentados por eles são a verdadeira ruga do convencionalismo, do “piegas” e do “forçar de barras” que surgiu, também, com o Modernismo. Com ele, a poesia elevou-se ao seu maior e verdadeiro grau, de maneira sutil, estética com “nenhum esforço de vencer a retórica. Nenhuma posição interessada. Nenhuma preocupação de agradar.” (LIMA, Jorge de, 1997, p. 82).

[...]

Dividamos o Cristo:

todos ressuscitarão iguais.

(LIMA, Jorge de, 1997, p. 336)

A Quarta e última fase do poeta é o barroquismo intertextual com a publicação, pouco antes de sua morte, do Livro de Sonetos, de 1949, e Invenção de Orfeu, de 1952. Neste último livro, Jorge de Lima revela toda sua versatili- dade erudita e o domínio de sua poesia, que foi desenvol- vendo ao longo de toda sua obra.

Jorge de Lima publicou seu Livro de Sonetos em 1949. Vale lembrar que sua morte se dá no ano de 1953, ou seja, quando escreveu esse livro gozava de um alto grau intelectual, como sempre, e não havia publicado seu “ato final”, sua última sinfonia versal – Invenção de Orfeu.

Em Invenção de Orfeu, Jorge de Lima revela toda a sua perícia poética, uma habilidade técnica que sempre foi um grande referencial em sua produção intelectual. O domí- nio da palavra em Lima é total, e dela o poeta consegue forjar muito mais que comparações, alusões etc. Há em sua poesia a metáfora viva, o dominar da metáfora. Lima com sua destreza médica se utilizou do pincel e pena, pu- nho firme, como que empunhando um bisturi, para criar versos perfeitos:

Não há dúvidas de que no poema de Jorge de Lima a tônica fundamental decorre de manipulação linguis- tica, sobretudo semânticas, que introduzem novos va- lores no contexto das estruturas líricas. (LIMA, Jorge de, 1997, p. 112)

Podemos ver claramente a manifestação da escrita sur- realista, escola de que se serviu Jorge de Lima por um bom tempo. O poeta afirma que, no início, via-se diante da flo- resta negra, tal qual Dante: o curso do poema não depen- dia do poeta, e com isso o jogo do inconsciente prevaleceu. Jorge sempre respeitou seus mestres e escolas, suas fases, e nunca os deixou de fora.

Jorge de Lima singrou impávido durante sua vida todo o universo da Arte, deixou-se levar e elevou-se o máximo que pôde dentro dela; não hesitou em momento algum, não esperou, não fraquejou, foi um guerreiro da Arte nacional e mundial antes de tudo. Este trabalho buscou revelar, através de inúmeros estudos, o que de fato representa para o Brasil

esse médico alagoano, médico que se dedicou à Arte como à uma amante, sem pudores ou medo. Fez da Arte seu estado maior e, da poesia, a arma para sanar os demônios internos “e externos” que o circundavam.

Minha maior preocupação ao longo deste estudo, desses anos de leitura e aprofundamento na obra Jorgiana, sempre foi revelar a pessoa singular que foi o poeta: o nosso Fernan- do Pessoa sem heterônimos. Um cristão sempre à disposi- ção de todos, mas acima de tudo, sempre à disposição da poesia e da Arte. **T**

Flávio Mello

Sócio Correspondente

Obras e Textos de Jorge de Lima:
Um poeta e duas cristandades. In: LIMA Jorge de. *Obra Completa* (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.
ANDRADE, Fábio de Souza. *O engenheiro noturno: A lírica final de Jorge de Lima*. São Paulo: EDUSP, 1997.
BANDEIRA, Antônio Rangel. *Jorge de Lima o roteiro de uma contradição*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira. Poesia Completa e Prosa*. RJ: Nova Aguilar, 1986.
BUENO, Alexei. *Jorge de Lima: poesia completa; textos críticos*, Marco Lucchesi... [ET al.]. – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

CECÍLIA, A ADMIRÁVEL “PASTORA DAS NUVENS”

*Eva Bueno
Marques*

Há 120 anos, nascia Cecília Benevides de Carvalho Meireles, poeta e escritora consagrada, professora, jornalista, pintora e tradutora, com uma extensa obra da melhor qualidade, merecedora de todos os aplausos e homenagens.

Uma criança que só teve a avó materna açoriana para dar-lhe a mão na travessia de sua infância e juventude, uma vez que perdeu precocemente seus pais: o pai, três meses antes de seu nascimento; e sua mãe, quando tinha apenas três anos. Seus três irmãos, que nasceram antes dela, tiveram o mesmo triste destino da partida precoce. Com tantas mortes na família, cresceu solitária, sob os cuidados amorosos de sua avó, que tudo fez para que ela superasse as ausências em sua vida. Dona Jacinta Benevides, analfabeta, mas inteligente e sabedora da magia do mundo, foi o único arrimo para o seu órfão coração. Dedicou à menina a maior quantidade de amor que um coração podia agasalhar. Numa sintonia de vidas, acariciava a sua alma com desenhos da sorte, com a graça das maravilhas do mundo, com as histórias antigas de seus antepassados, dando uma cor de alegria e um hálito de ventura para uma vida que estava aos seus únicos e imprescindíveis cuidados. Uma avó que, do coração simples, mas zeloso, fazia verter todas as nuances de arco-íris para uma cabecinha frágil, com seus olhinhos verdes tão inocentes, procurando conhecer o mundo, alheia às adversidades que ainda viriam a acontecer em sua vida.

Nasceu Cecília, naquele sete de novembro, na cidade do Rio de Janeiro, já predestinada a ser uma criatura especial em todos os sentidos, artista completa com a sensibilidade à flor da pele, entendedor do mundo do qual assimilava toda a sua essência numa sintonia perfeita. Nada passou despercebido aos seus olhos curiosos e profundos.

A menina Cecília amava folhear os livros deixados pela sua mãe, Mathilde Benevides Meireles, professora primária, e pelo seu pai, Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil. Foi neles que começou a sonhar com os caminhos de bosques e horizontes que diria, mais tarde, na crônica “Da Solidão”, que, aliás, foi um tema presente em sua vida, aliado a outros como amor, tempo, eternidade, saudade, sofrimento, morte, efemeridade da vida e fugacidade do tempo. O estudo de línguas e de música fez parte de sua infância.

Reconhecidas mundialmente, suas obras foram traduzidas para muitas línguas.

Realizou palestras e conferências e deu cursos sobre educação, literatura brasileira, teoria literária e folclore em vários países do mundo. Excursionou por muitos países sempre com o espírito de viajante. Queria interagir com as pessoas, com a cultura de cada lugar, penetrar na essência das coisas, nunca com o espírito superficial de turista, que não tem tempo suficiente nem disposição para ir além das aparências.

Fez amigos em muitos lugares e teve uma extensa correspondência com muitos deles, poetas e escritores, com quem tinha sintonia. Segundo a escritora e estudiosa de Cecília, a jornalista Leila V. B. Gouvêa, a poeta manteve uma copiosa correspondência com o poeta e escritor açoriano Armando Cortes Rodrigues, com quem ela só se encontrou uma única vez, quando lá esteve por cinco dias, mas a quem, com o passar do tempo, considerou como um irmão distante. Entre janeiro de 1946 e março de 1964, foram 246 cartas manuscritas ou 484 páginas. Embora Cecília tivesse pedido a ele que não as guardasse, ele não atendeu ao seu pedido e hoje constituem um valor inestimável ao acervo do poeta, falecido em 1971.

Obras publicadas de Cecília Meireles:

Em Poesia:

Espectros(1919); Nunca Mais e Poema dos Poemas (1923); Baladas para El Rei (1925); Viagem(1939); Vaga Música (1942); Mar Absoluto e Outros Poemas (1945); Antologia Poética(1947); Retrato Natural (1949); Amor em Leonoreta (1952); Doze Noturnos de Holanda e O Aeronauta(1952); Romanceiro da Inconfidência (1953); Pequeno Oratório de Santa Clara (1955); Pistóia, cemitério militar brasileiro (1955); Canções (1956); Romance de Santa Cecília (1957); A Rosa (1957); Obra Poética (1958); Metal Rosicler (1960); Poemas escritos na Índia (1961); Antologia Poética (1963); Solombra (1963); Ou isto ou Aquilo (1964); Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam do Rio de Janeiro (1965); Antologia Poética (1968); Poemas Italianos (1968); Flor de Poemas (1972); Poesias completas em nove volumes (1973); Elegias (1974); Flores e Canções (1979); Cânticos (1981); Os melhores Poemas de Cecília Meireles (1984); Obra Poética (1985); Verdes Reinos Encantados (1988); Poesia Completa (1994); Oratório de Santa Maria Egípcia (1996); Poesia Completa (2 volumes- 2017).

Em Prosa:

Criança, meu amor (1924); O Espírito Vitorioso (1929); Saudação à menina de Portugal (1930); Notícia da Poesia Brasileira (1934); A festa das Letras (1937); Olhinhos de Gato (1939-1940); Poetas novos de Portugal (1944); Rute e Alberto (1945); Evocação Lírica de Lisboa (1948); Rui (Barbosa)– pequena história de uma grande vida (1949); Problemas da Literatura Infantil (1950); Panorama Folclórico dos Açores (1955); Giroflê, Giroflá (1956); Eternidade de Israel (1959); Escolha o seu Sonho (1964); Inéditos (1967); Notas de Folclore gaúcho-azoreanos (1968); Artes Populares (1968); Ilusões do Mundo (1976); O que se diz e o que se entende); Janela Mágica (1981); Batuque, Samba e Macumba (1983); Cecília e Mário (1996); Crônicas em geral (1998); Crônicas de Viagem (1998); Crônicas de Educação (2001); Episódio Humano (2007); Três Marias de Cecília (2007).

Fruto de longa pesquisa histórica, o Romanceiro da Inconfidência é considerada sua principal obra. Com caráter narrativo épico-lírico sobre a história da Inconfidência Mineira, é dividido em 85 Romances, com metrificacão e rimas. Há uma Conferência feita por Cecília, em que diz “Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência”.

Professora primária e universitária, sempre se preocupou com a Educação, dedicando boa parte de sua obra à literatura infantil. Fundou ainda, no Rio de Janeiro, a primeira biblioteca infantil do Brasil.

Como jornalista, escreveu crônicas para vários jornais da época, entre eles: Diário de Notícias, de 1930 a 1933, em sua coluna “Página de educação”, totalizando mais de setecentas crônicas, sempre na defesa da educação de qualidade, e no jornal A Manhã, de 1941 a 1943, com a coluna “Professores e Estudantes”, sempre defendendo suas ideias da prioridade ao ensino e à cultura.

Seus desenhos são um primor, rico em detalhes e de uma beleza que nos impressiona. Tendo sido expostos em Lisboa, hoje podemos admirá-los no livro “Batuque, Samba e Macumba”.

Sempre foi fascinada pelo oriente, pela sua gente, pelos seus ensinamentos. Escreveu sobre Gandi e traduziu o poeta hindu Rabindranath Tagore, a quem admirava muito.

Na infância adquiriu o gosto pelo folclore ouvindo as histórias contadas por sua avó açoriana e pela babá Pedrina, que ela traz à lembrança, com carinho, em suas crônicas e cita em uma delas, “Junho Antigo”, “...e São Pedro tinha nas mãos a chave com que certamente abriu as portas do céu para Pedrina”.

Quando sua avó Jacinta Benevides faleceu, Cecília homenageou-a com um lindo poema, dotado de uma carga expressiva de sensibilidade, sofrimento e amor. Chama-se “Elegia” e é de uma beleza comovente, que nos leva às lágrimas, tal a profundidade do conteúdo, a saudade da pessoa mais importante de sua vida, a amada avó que lhe criou com tanta dedicação.

Mostra seu lado de filósofa nos 26 cânticos que com-

põem o seu livro *Cânticos*, com conteúdo reflexivo, de fundo filosófico, à procura dos valores do espírito e da eternidade.

Vida Pessoal

Casou-se em 1922 com o artista plástico português Fernando Correia Dias, com quem teve três filhas: Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda. As duas primeiras já faleceram.

Em 1935, perde o marido que se suicidou, devido a uma forte depressão. Vieram, então os piores anos de sua vida, quando teve que aumentar o ritmo de trabalho para manter as filhas. Em 1940, casa-se em segundas núpcias com o professor e agrônomo Heitor Grilo, com quem permanece casada até 1964, quando, com apenas 63 anos, falece, com câncer.

Universal e atemporal, deixa uma vasta obra de tão grande importância para a literatura brasileira que a coloca no patamar de uma das nossas maiores poetisas. Sua obra em prosa tem o mesmo relevo que a obra em versos. Difícil escolher quais as melhores porque todas tem o brilho de sua sensibilidade e lirismo profundos.

A escritora e poeta Cecília Meireles recebeu os seguintes prêmios e homenagens:

— Medalha de ouro (1913) — das mãos de Olavo Bilac (1865-1918), poeta e inspetor escolar do Distrito Federal, pela conclusão, com distinção, do curso médio na Escola Estácio de Sá;

— Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras (1938). Como curiosidade, o poeta e escritor Casiano Ricardo conta em seu livro *“A Academia e a poesia Moderna”*, que Cecília deixou de fazer o seu discurso, na entrega do prêmio ao seu livro *Viagem*, em protesto contra os cortes efetuados no texto pela censura prévia da Academia. Sobre o mesmo prêmio, Mário de Andrade em um texto seu, publicado em 1939, julga que a Academia se valorizou ao premiar Cecília Meireles. Com fina ironia, Mário desvaloriza a Academia como instituição e enaltece o valor literário da poeta.

— Grau de Oficial da Ordem do Mérito (1952) — Chile;

— Título de doutora honoris causa pela Universidade de Delhi (1954) — Índia, ocasião em que discursou em inglês;

— Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (1965) — póstumo.

Em 1989, Cecília foi homenageada pela Casa da Moeda do Brasil, com a sua efígie na cédula de cem cruzados novos, tendo ao lado quatro versos do Cântico XII, do seu livro *Cânticos*:

*“Sê o que o ouvido nunca esquece\ Repete-te para sempre\
Em todos os corações\ Em todos os mundos”.*

Na cidade de Ponta Delgada, nos Açores, há uma avenida com o seu nome. No Chile há uma biblioteca, no Brasil há inúmeras ruas, escolas e bibliotecas que se orgulham de se chamar Cecília Meireles.

Notas Pessoais

Meu primeiro encontro com Cecília Meireles foi, quando criança, ouvi a sua poesia infantil *“Canção dos Tamancinhos”*. Foi paixão à primeira vista que me fez ouvir o troc-troc dos tamancinhos pela vida toda, transformados depois, claro, em canções de mar, de flor, de nuvens, de viagens e de sonhos, de magia. O fascínio pelos seus versos fez com que nunca nos separássemos. Consegui captar o seu olhar na direção do mundo da maneira que ela o via, alcancei as pegadas de seu coração nas areias de sua contemplação, da beleza absoluta, pontuando uma vida de valores nas essências, no compromisso com a dádiva do amor maior. E quando descobrimos esse caminho de luz não há empecilhos que nos detenham porque o infinito nos atrai. Nunca consegui soltar as mãos da poesia apresentada a mim por Cecília Meireles.

Em 2001, tive o prazer de participar de um Simpósio, na USP, por três dias, em homenagem ao centenário da poeta. Palestraram os maiores estudiosos de Cecília do Brasil e do exterior. Estavam presentes sua filha, a atriz Maria Fernanda, sua neta Fernandinha Correia Dias, Lígia Fagundes Teles, que fora amiga de Cecília, o Professor e crítico literário Alfredo Bosi, professores e convidados para o evento, entre

eles o escritor Ruy Affonso Machado e o ator Rubens de Falco, que com Maria Fernanda, fizeram a leitura de vários poemas da poeta.

Na ocasião, fui presenteada com o conjunto da obra “Crônicas de Educação”, pela filha de Cecília, a linda Maria Fernanda, com quem já mantinha laços de amizade, desde sua apresentação em SP, em 1987, no auditório do MASP, do espetáculo teatral sobre o Romanceiro da Inconfidência.

Com a neta de Cecília, a simpática e querida amiga Fernanda Correia Dias, que carinhosamente chamo de Fernandinha, já tinha me encontrado em uma bienal. Reencontramo-nos no Simpósio e posteriormente, quando fui ao Rio de Janeiro, em 2010, e passamos juntas uma tarde. Levou-me, gentilmente, a conhecer a igreja São Francisco Xavier, onde Cecília foi batizada, a mesma em que ela também foi, tendo a avó como sua madrinha. Depois, subimos a floresta da Tijuca e, lá no alto, senta-nos no banco onde Cecília ficava a conversar com sua amiga, a poetisa chilena Gabriela Mistral. Um enorme pé de magnólias se curvava sobre o banco e mostrava uma única flor, que foi como um presente para mim. Depois fomos para a casa de Cecília, onde vi objetos dela, conversamos bastante e pude degustar uma deliciosa torta de maçã. À noite, pude voltar feliz para a casa do amigo em que estava hospedada.

Através de Maria Fernanda, que nos apresentou, tornei-me amiga do ator teatral, diretor e escritor, fundador dos Jograis de São Paulo, Ruy Affonso Machado, pessoa encantadora, que me brindou com sua amizade até o seu falecimento em 2003. Conheceu Cecília quando aluno da faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, ocasião em que a poeta fora convidada a proferir uma palestra para os alunos de Direito, naquela Faculdade. Desde então, tornaram-se amigos, trocaram correspondências e ela foi madrinha de casamento dele. Em várias vezes que fui à sua casa, pude pegar as cartas de Cecília em minhas mãos e lê-las com muita emoção. Também o presente de casamento que ela lhe ofertou, um lindo galo de cristal de murano que ele tinha como relíquia. Ruy veio me prestigiar, quando apresentei um recital sobre Cecília Meireles, num evento da Prefeitura de São Caetano, em 1994. Após o evento, tive

o prazer de recebê-lo em minha casa, onde falamos muito sobre Cecília e me contou fatos pitorescos sobre a poeta de quando vinha a São Paulo e ele declamou uma poesia dela intitulada “Fadiga”.

Esses fatos permanecem tão vivos em minha memória, com tão doces e saudosas lembranças, que meu coração sente-se abraçado por Cecília.

Assim, continuo ouvindo a sua voz, suave e eterna, porque como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade:

“A mulher extraordinária foi apenas uma ocasião, um instrumento, afinadíssimo, a revelar-nos a mais evanescente e precisa das músicas. E esta música hoje não depende de executante. Circula no ar para sempre.” **I**

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 - Patrono Cecília Meireles

O ORGULHO E A TOLICE

Nascido no município maranhense de Pirapemas, no dia 23 de janeiro de 1884, e falecido em dez de abril em 1967, no Rio de Janeiro, o escritor e jornalista Manuel Viriato Correia Baima Filho foi membro da Academia Brasileira de Letras, tendo deixado uma vasta e diversificada safra literária com mais de cinquenta títulos. Formado em Direito, exerceu importantes cargos na política e se dedicou ao jornalismo, trabalhando, entre outros, no jornal Gazeta de Notícias, Correio da Manhã e Jornal do Brasil. Revelou-se crítico teatral no jornal “A Manhã”.

Materialista convicto, Viriato Correia estava, em determinada época, enfrentando problemas de saúde com cólicas renais constantes e foi aconselhado por um casal desconhecido a buscar os benefícios do passe magnético em reuniões espíritas, o que acabou fazendo por força das fortes dores que a doença provocava.

Com o resultado positivo do tratamento, teve a curiosidade de ler *O Livro dos Espíritos*, obra com que fora apresentado, e essa leitura se tornou um divisor de águas em sua vida, pois Viriato acabou encontrando ali a convicção que lhe faltava para refutar a própria condição de ateu.

Homem de inteligência privilegiada e raciocínio lógico, foi persuadido pelo modo sensato e coerente como são apresentados os conceitos do espiritismo sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, segundo os ensinamentos dos autores espirituais do livro.

Em 1941, Viriato Correia narrou, em uma conferência apresentada no auditório da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro, como se deu esse processo de transformação. O teor da conferência é uma vibrante profissão de fé que foi publicada na revista “Reformador”, órgão oficial da FEB, nos seguintes termos:

“Simplesmente magnífica a conferência realizada pelo nosso – já hoje podemos dizê-lo – querido confrade Dr. Viriato Correia. Às quinze horas, ou seja, uma hora antes da aprazada, já o nosso vasto salão tinha suas 800 cadeiras literalmente ocupadas, notando-se, entre os assistentes, muitas, muitíssimas famílias dentre as quais algumas que ali iam pela primeira vez, atraídas, naturalmente, pelo justo renome do conferencista, como homem de letras, intelectual em evidência em nosso meio social.

Quando o nosso companheiro M. Quintão¹, ladeando o orador, assomou no estrado e tomou assento à mesa da Diretoria, houve entre a multidão que se comprimia, já então pelos vãos e corredores, um como sussurro de aplauso e satisfação, mal contido pela austeridade tradicional dos nossos estudos e trabalhos nesse mesmo ambiente”.

Na longa exposição, Viriato Correia discorreu sobre a importância que a leitura da obra kardeciana teve em sua vida, usando como analogia para a sua transformação a fábula de um coelho que vivia na toca e, sem nunca ter saído de dentro dela, tornou-se rei. A narrativa é finalizada com o deslumbramento do coelho quando ele saiu pela primeira vez para ver o que havia do lado de fora e descobriu que podia viver em liberdade, o que o levou, inclusive, a abdicar da condição de rei.

Viriato fala sobre algumas experiências fenomênicas que tivera e das quais só foi entender o significado depois de ler *O Livro dos Espíritos*. Segundo ele, após isto, seu ponto de vista sobre a vida humana ganhou horizontes muito mais vastos, levando-o a compreender o amor e a onipotência de Deus, “O Deus que perdoa e consola, que não tem decisões implacáveis, que não tem infernos para penas eternas”, destacou.

E foi com essas palavras que ele, a certa altura, dirigiu-se à assistência que lotava o auditório da FEB naquele dia:

“Hoje, considerando as coisas, meditando sobre o tempo que passou, é que vejo o que havia de ridículo e de caricato no materialismo que me encheu tão longo período de vida. Eu não era materialista, não era coisa nenhuma. O que havia em mim era muito de pedantaria e de empáfia.

Meteu-se-me na cabeça que um homem superior não podia, nem devia acreditar em poder divino, e disso partiu toda a razão de ser da minha atitude. Convenci-me de que era criatura ilustre, julguei-me na obrigação de destruir a Divindade. Iludia aos outros e a mim próprio. Talvez aos outros não conseguisse iludir. A mim, a vaidade conservou-me por muitos anos em crise delirante.

A verdade é que de materialismo não entendia nada, não tinha sequer o preparo básico, a cultura necessária para firmar convicção. Conta-se por aí uma anedota que se pode perfeitamente aplicar ao meu caso.

Estava um velho vigário na igreja quando, certa vez, se chegou um rapaz de ar atribulado, que queria a toda pressa confessar-se. Tinha um pecado horrível para ser absolvido. O padre levou-o pressurosamente ao confessionário.

— *Fala, filho, fala. Dize o teu pecado, que a misericórdia divina te absolverá.*

O rapaz ficou silencioso, como sob o peso formidável da sua culpa.

— *Mataste?* — perguntou o sacerdote.

— *Não.*

— *Roubaste?*

— *Também não.*

— *Profanaste o lar alheio?*

— *Nunca.*

— *Mas que pecado é o teu?* — interrogou o velho vigário intrigado.

O moço deu um suspiro, um profundo suspiro:

— *Padre, o meu pecado é um só, um único, mas um pecado enorme, horrível, colossal.*

O rapaz baixou a cabeça, deu outro suspiro e desembuchou:

— *Padre, o meu pecado é este: sou orgulhoso como não há ninguém no mundo, orgulhoso como ninguém foi ainda na vida. Vejo tudo abaixo de mim. Os homens, quaisquer que eles sejam, por mais ilustres e por mais cultos, por mais autoridade que tenham, para mim não valem nada; julgo todos e todos in-*

feriores à minha pessoa. E isso me dói, padre, isso me faz sofrer. É um pecado que me pesa como um fardo. Não é verdade que é um grande pecado?

O vigário sorveu uma pitada, movendo pausadamente a cabeça:

— *É, é! O orgulho é um pecado muito feio. Mas vem cá, meu filho, que razão tens tu para todo esse orgulho? És rico?*

— *Fui sempre pobre, muito pobre* — respondeu o moço.

— *Mas naturalmente és de alta estirpe, os teus pais são nobres...*

— *O meu pai é o açougueiro ali da esquina.*

— *É que talvez as mulheres te suspirem; elas certamente te disputam, como se disputa um tesouro.*

— *Nunca mulher nenhuma ergueu os olhos para mim.*

— *Então a razão é outra: é que tens imensa cultura, um grande nome conquistado nas letras ou na ciência.*

— *Desde que saí da escola primária, nunca mais abri um livro.*

O padre ergue-se.

— *Vai, meu filho, vai para casa sossegar. Não tens nenhum pecado. Não és orgulhoso, nunca foste orgulhoso. O que tu és é bobo*

E o grande escritor assim resume a semelhança entre a posição materialista que defendia anteriormente e a atitude do moço iludido que protagoniza a anedota:

Eu não era materialista, nem sabia o que era materialismo. Era apenas um idiota, enfeitado de penas de pavão, que vivia a pavonear originalidade à custa das penas alheias.

Com essas palavras tão sinceras quanto relevantes, o insigne literato atesta que o orgulho e a tolice são companheiras extremamente íntimas, que podem confundir as ideias e transformar homens respeitáveis em criaturas risíveis e caricatas. **T**

Roberto de Carvalho

Cadeira 29 - Patrono Humberto de Campos

¹ Manuel Justiniano de Freitas Quintão, jornalista e escritor, atuou como médium dando receitas homeopáticas orientadas pelos espíritos. Foi presidente da Federação Espírita Brasileira em 1915, 1918, 1919 e 1929.

PRATICAR RIMAS DESENVOLVE A ALFABETIZAÇÃO E O GOSTO PELA LITERATURA

A rima é um recurso facilitador no ensino da leitura e da escrita, por tratar-se de uma estratégia dinâmica e lúdica. Mas o que é rima? De acordo com o dicionário de língua portuguesa Aurélio Buarque, significa: “repetição de sons idênticos, iguais ou parecidos, em uma ou várias sílabas, nos finais de duas ou mais palavras”.

Essa prática muito contribui para que a criança ponha mais atenção aos sons, acelerando a alfabetização, recurso que também pode ser usado em qualquer faixa etária.

Todo ser humano, desde a infância, tem convivência e experiência com as rimas, porque elas estão presentes no seu dia a dia desde o nascimento, iniciando-se pelas cantigas de ninar entoadas pelos pais ou babás, como, por exemplo:

“Boi, boi, boi
Boi da cara preta,
Pega esse menino
Que tem medo de careta”

“Nana nenê, nenê do caruru
Pato com marreco, galinha com peru”

No decorrer da infância, seguindo para a fase adulta, as parlendas ou canções continuam participando da vida das famílias e dos estudantes, e se tornaram peças do folclore brasileiro, destacando-se, dentre tantas outras:

“Serra, serra, serrador
Serra o papo do vovô”

“Um dois,
feijão com arroz
Três, quatro
feijão no prato”

“Sol e chuva,
Casamento da viúva
Chuva e Sol
Casamento do espanhol”

As rimas estão presentes em livros, músicas, brincadeiras, cantigas de roda e fábulas. Parecem simples brincadeiras, mas estimulam as crianças a prestarem mais atenção à métrica e acentuação das palavras e em suas diferenças e semelhanças.

No decorrer das brincadeiras recitativas, as crianças percebem que algumas frases começam diferentes e terminam iguais; observam como alguns sons são separados ou unidos, levando-as a organizar a sonoridade e formar sua consciência fonológica.

Definindo Consciência fonológica: “... para desenvolver a consciência fonológica em todas as crianças, os professores devem conhecer um pouco acerca da estrutura da língua, especialmente a fonologia. A fonologia é o estudo das regras que comandam a produção de sons da fala. A fonética, por sua vez, é o estudo da forma como os sons da fala são articulados e a fônica é o sistema pelo qual os símbolos representam sons em um sistema de escrita alfabético.” (ADAMS, et al, 2005, p.21)

Tendo em vista que tantas crianças carecem da consciência fonológica e que ela é fundamental para o aprendizado da leitura e da escrita, a pedagogia detectou a im-

portância de praticá-la através de recursos instruídos pelos pais e/ou professores. As pesquisas indicadas na bibliografia deste artigo indicam que o desenvolvimento por meio desta instrução e do estímulo resulta na obtenção expressiva da alfabetização.

As rimas e a memorização

Um exercício prático importante consiste no seguinte: Fazendo uso do texto a seguir, o professor recita os versos ímpares; as crianças, os pares.

Na segunda vez, troca-se a ordem: as crianças recitam os versos ímpares.

Na terceira vez as crianças declamam toda a estrofe. Em seguida, o professor apaga o texto da lousa para que todos continuem a brincadeira e testem a memorização.

Os ganhadores do jogo serão os que conseguirem memorizar a parlenda.

“Hoje é domingo, — (professor)

Pede cachimbo — (crianças)

O cachimbo é de barro,

Bate no jarro

O jarro é de ouro,

Bate no touro,

O touro é valente,

Machuca a gente

A gente é fraco,

Cai no buraco

O buraco é fundo,

Acabou-se o mundo!”

As rimas trarão às crianças maior facilidade para memorizar os textos nas brincadeiras, jogos, encenações teatrais, estudos escolares e nas diversas disciplinas (Matemática, Português, Biologia, História, Música e outras), desde a Educação Infantil até o Ensino médio, ampliando os seus conhecimentos de forma transversal.

Estimula a criatividade

Outro aspecto relevante é observar que o aluno, após divertir-se com as rimas, compõe palavras e sílabas, constrói sentenças, cria versos, escreve histórias reais e fictícias.

As crianças divertem-se praticando textos rimados em voz alta porque, assim, entendem melhor os significados das palavras, o que lhes permite uma compreensão mais ampla da linguagem e um melhor entendimento da sentença e da pontuação através dos poemas. Sentem-se empolgados com os textos novos e gostam de criar suas próprias parlendas e paródias.

Amplia o conhecimento literário

Rimando, a criança vive o prazer de jogar com as sílabas e com os sons com que se comunicam, com os assuntos do seu dia a dia, desenvolvendo a dicção por meio do uso dos desafiantes trava línguas:

—“O rato roeu a roupa do Rei de Roma”. Quantas letras R têm isso?

—“Sabia que o sabiá sabia assobiar?”

O repertório da linguagem poética e dos autores aprofunda e expande o senso crítico do aluno e o conduz à reflexão.

Sugiro, para trabalhar rima, objetos rotineiros, a literatura brasileira e a poesia “A porta”, de Vinícius de Moraes.

Conclusão

Como escritora e professora de Artes e Música durante 28 anos, venho experimentando o quanto as rimas inovam as estratégias de ensino, facilitando o acesso ao saber e à cultura.

A simplicidade das rimas promove a identificação com o cotidiano familiar, da escola, dos amigos, da natureza e da fé, esclarecendo o significado e a importância da poesia e dos textos literários, situando a criança em seu mundo e agregando valores à sua vida. Faz-nos sentir a sensação de aprender e ensinar; pintar e bordar com as palavras.

A rima, alicerçada pela literatura e pela poesia, harmoniza a vida do ser humano ainda mais.

Quero deixar minha contribuição através deste texto. **T**

Alcidéa Miguel

Cadeira 25 - Patrono Vinícius de Moraes

Referências Bibliográficas
ADAMS, M. J. et al. Consciência fonológica em crianças pequenas. Porto Alegre: Artmed, 2005. B
<https://www.dicio.com.br/parlenda/> (dicionário Aurélio Buarque)
<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2511/1/2018ReginaSchmitt.pdf>
Schmitt, Regina “A rima na Educação Infantil – Evidências e Possibilidades”

A ETERNIDADE E UM DIA PARA ERNEST HEMINGWAY

Gonçalo Junior

Escritor norte-americano, precisou de apenas algumas dezenas de páginas para fazer de O velho e o mar um dos livros mais impactantes e grandiosos de todos os tempos.

A tocante história de *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway (1899-1961), é um acontecimento na mais alta literatura de todas as épocas. Por uma série de motivos. Primeiro, porque permite múltiplas leituras dos sentidos buscados ou direcionados pelo autor. Segundo, pela densidade alcançada por ele em um texto tão curto. Depois, pelas reações, sensações e impactos que provoca nos leitores. É um livro atordoante. Hipnótico. Poderia ser considerado, por exemplo, uma obra de autoajuda, dentro dos clichês que definem o gênero — afinal, é uma história empolgante de superação.

Assim como acontece com o excelente *Relato De Um Naufrago*, do colombiano Gabriel García Márquez, também ambientado em alto-mar, mas baseado numa história real, a obra retrata a luta do homem pela vida contra a faceta mais selvagem e implacável da natureza. Por outro lado, realça o imprevisível poder humano de sobrevivência. No caso de Hemingway, porém, a peculiaridade está em tratar a velhice como um momento de nobreza em que a decadência física perde força para outras virtudes, como força de vontade, perseverança, teimosia e vontade de vencer os próprios limites para se manter vivo.

Escrito em Cuba em 1951 e publicado no ano seguinte, *O Velho e o Mar* logo se transformou em uma das obras mais famosas de Hemingway e não passou em branco pela crítica — na verdade, dividiu opiniões entre o entusiasmo e a desconfiança. Título mais vendido do autor no Brasil, o livro foi agraciado com o badalado Prêmio Pulitzer, o

mais importante da literatura e do jornalismo nos Estados Unidos, em 1954. Na trama, um velho pescador em idade bem avançada, chamado apenas de Santiago, decide lutar contra um gigante tubarão em alto-mar, sem se importar com os perigos da Corrente do Golfo, que pesa contra ele.

Antes disso, porém, alguns fatos relevantes acontecem para colocá-lo nessa situação. Apesar de muito experiente, encontra-se numa maré de azar. Depois de décadas na profissão, havia 84 dias que ele não apanhava um único peixe. Por isso, dizia-se entre os colegas de profissão, que se tratava de um salão, ou seja, um azarento da pior espécie de quem se deveria manter distância. Mas ele possui coragem, acredita em si mesmo, e parte sozinho para a pescaria o mais distante possível, munido da certeza de que, desta vez, será bem-sucedido no seu trabalho, sem se importar muito com a sua fragilidade física.

Santiago tem um jovem amigo, Manolin, que o incentiva a pescar e a seguir em frente. A princípio, o ancião parece próximo do êxito ao fisgar um imenso peixe-espada, que oferece muita resistência. Tanto que arrasta a embarcação por um bom tempo, cada vez mais para mar fora. Após o cansativo embate, mata o animal e o puxa para dentro da sua pequena canoa. A caça valiosa tem aproximadamente cinco metros de comprimento e pesa pelo menos setecentos quilos — o que lhe dá a certeza de tempos de fartura. Antes, Santiago sofre com o sol escaldante, capaz de cegar um homem.

Tanto esforço faz com que se abram grandes feridas em suas mãos. “Pessoas da minha idade nunca deviam estar sozinhas”, pensou ele. ‘Mas é inevitável. Tenho de comer aquele atum antes que comece a luta, para estar forte. Lembre-se de que, mesmo que não tenha fome, você precisa comer de manhãzinha. Lembre-se’, repetiu-o em pensamento. ‘A sua escolha inicial fora se esconder nas águas escuras e profundas, para além de todos os laços, armadilhas e traições. A minha escolha fora ir procurá-lo onde alguém jamais ousara ir.’ Sim, onde alguém jamais ousara ir. E agora estavam ligados um ao outro e assim se encontravam desde o meio-dia. E não havia ninguém para ajudar nem a um nem a outro”.

O pescador não podia imaginar que seu drama estava apenas começando. O confronto e a vitória sobre o peixe comprometem sua embarcação, enquanto o cansaço mina suas forças. Desprovido de energia, no primeiro momento, sente perder o desejo de continuar a viver. Mas ele recupera o vigor e o desafio que a morte lhe impõe e se vê quase numa ressurreição. Somam-se a isso a honra e a decisão de mostrar que ainda pulsa vida em suas veias e que não está acabado para sua comunidade. Com o peixe amarrado, ele tenta voltar à costa, quando tem um desafio ainda maior: os constantes ataques de tubarões, atraídos pelo peixe morto.

Santiago, então, recorre a todas as possibilidades que lhe vêm à mente. Depois de fazer suas preces, encosta-se no banco da canoa, ao lado do peixe, e começa, mecanicamente, a mover todos os dedos da mão esquerda para tentar recuperar a agilidade habitual. E assim a história prossegue, completamente imprevisível, com o seu realismo tão impressionante. “Imagine o que seria se um homem tivesse de tentar matar a lua todos os dias’, pensou o velho. ‘A lua corre depressa. Mas imagine só se um homem tivesse de matar o sol. Nascermos com sorte.”

Assim que o romance chegou às livrarias, o famoso crítico literário Cyril Connolly recomendou com entusiasmo: “Leia o livro *O Velho e o Mar* imediatamente. Após alguns dias, leia-o novamente e irá verificar que nenhuma página desta bela obra-prima poderia ter sido escrita melhor ou de forma diferente”. Nem todo mundo concordou. Mas o Pulitzer e a crescente revisão de especialistas quanto a seu valor no decorrer dos anos — além da inesquecível versão para o cinema, em 1958, com Spencer Tracy (1900-1967) — fizeram com que a obra permanecesse como uma referência entre os melhores livros de Hemingway.

Mais que isso, reafirmaram a importância do autor em tempo de qualificá-lo para o Prêmio Nobel de Literatura, que ganhou em 1954. Nas reinterpretações que foram feitas, passou-se a afirmar que se trata da história de um homem que convive com a solidão, com seus sonhos e pensamentos, sua luta pela sobrevivência e a inabalável confiança na vida. Como diz a edição brasileira, “tem-se

um enredo tenso que prende o leitor na ponta da linha, Hemingway escreveu uma das mais belas obras da literatura contemporânea. Uma história dotada de profunda mensagem de fé no homem e em sua capacidade de superar as limitações a que a vida o submete”.

Do ponto de vista técnico, da construção e da narrativa, o pequeno livro de Hemingway não se enquadra de forma alguma em um estilo convencional; as respostas não estão exatamente no enredo em si, mas sim nas entrelinhas da história, feita quase como uma parábola ou uma fábula, já que os peixes praticamente são personagens de relevância. Como lembra a crítica Ana Lúcia Santana, é preciso, porém, ser paciente durante a leitura — ou releitura — para decifrar as intenções do autor. “Não basta saber se o pescador vencerá o confronto com a morte e arrecadará o peixe que lhe resgatará a fama e os recursos financeiros de que ele carece. Tudo se desenrola no estilo típico de Hemingway, realista e conciso. E a trama apenas vale como um pretexto para o leitor meditar sobre a iminência da solidão”.

Em alto-mar, Santiago está a sós com as forças da natureza e com a pesca que o leva cada vez mais ao âmago do oceano. “Assim como o homem, em sua condição humana de caminhante solitário, tem que enfrentar este estado existencial, o pescador tem que lutar para sobreviver, assediado pelo calor, e lesado em suas mãos no combate com o animal”.

Para Hemingway, ao que parece, a história de *O Velho e o Mar* dependeu essencialmente do contexto natural e social no qual foi ambientado na época em que o escreveu. A pobreza do pescador e as necessidades básicas que ele não consegue suprir para sobreviver, num universo de pobreza, quase miserável, são indicativos disso. E foi assim que escreveu um romance em que uma história aparentemente simplória se torna grandiosa pela força de sua narrativa essencialmente literária e poética, o que resulta em um livro absolutamente raro. **I**

Gonçalo Junior

Cadeira 21 – Patrono José Lins do Rego

CRÔNICA SOBRE O FALAR DA MINEIRIDADE A VOZ E O DISCURSO DE MINAS

*Celso de
Almeida Cini*

Há um bom tempo não tenho tido oportunidade de viajar para Minas Gerais e a saudade daquelas paragens, daquela gente tão acolhedora, com tamanha generosidade de costumes e calor humano está me doendo de tanta falta que faz! No passado, permanecemos, eu e minha esposa, em várias cidades do Circuito das Águas, como as deliciosas São Lourenço, Varginha, Caxambu, Poços de Caldas, Lambari e adjacências. Já fizemos também o circuito das cidades históricas: Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, Cordsburgo de Guimarães Rosa, Diamantina, Congonhas do Campo. Em todos os lugares, de braços e coração com a hospitalidade mineira, ia prestando atenção e degustando o pitoresco modo de falar das Minas Gerais, tão íntimo, tão aproximativo, tão pleno de graças, às vezes, e também muito pessoal, gentil deles, mesmo, que a todos agrada, fazendo com que ninguém deles se esqueça

Há, entre nós, um escritor (creio que jornalista), Ivan Ângelo, que tem publicadas suas crônicas numa revista paulistana de grande tiragem. Ele cuidou das minúcias desse diuturno falar e muito peculiar modo de comunicação da gente mineira. Procurarei, então, lembrar-me e comentar tantos modos, até bizarros, de se referirem, mineiros e mineiras, às coisas de seu cotidiano, que nos chamam a atenção. Ivan Ângelo é grande observador; sem dúvida, uma das virtudes que admiro nele.

Lembro-me, numa de minhas viagens, acredito que foi em Ouro Preto, aí pelas dez horas da manhã, querendo entrar numa das muitas igrejas históricas, fechada, parei um indivíduo alto, mulato, com um balaio de pães na cabeça, único vivente a cruzar conosco na rua naquele momento, e pedi ajuda: — Amigo, pode me dizer onde encontro o sacristão que pudesse nos abrir a Igreja aí ao lado, para uma visita? Ele, parado, com um ar patético de surpresa, o cenho franzido e a cara poucos amigos, respondeu:

—*Não dou notícia!* E se foi com seu balaio... balangando na cabeça!

Achei aquilo uma resposta grosseira, quase uma afronta! Por que responder tão ríspido e lacônico? E não havia mais ninguém na rua àquela hora. Mais tarde, um amigo mineiro nos advertiu que aquele moreno era apenas um humilde empregado carregador, sem nenhuma instrução e sua resposta, bem traduzida, queria dizer: Meu senhor, desculpe-me, mas eu não sou a pessoa para lhe oferecer qualquer informação ou ajuda...!!

Ivan Ângelo conta muitas manifestações surpreendentes: numa loja, a freguesa, que olha a vitrine, pergunta à balconista: —*Quantéque ce tá pedindo nessa sandália?* Ou, insistindo: *quanto ce tá querendo nela?* É um modo sutil de afirmar que a mercadoria não vale aquele preço. É só a vendedora que quer aquela dinheirama pela sandália... O verbo mexer pode ter o sentido de trabalhar: —Aqui, agora, ce tá mexendo com quê? Ele pode responder carinhosamente: *Tô mexendo mais com isso, não, sua boba!* Essa resposta não tem intenção de insulto. Outras assim podem aparecer: *Tê deixou? Liga prá isso não, bobo, escreve prá ela, bobo... come um pouquinho, ce vai gostar, bobo. Deixa prá amanhã, bobo...!* Expressões com muito sabor caseiro: *Deprimeiro (antes), eu gostava de brovidade, sabe? Agora, gosto mais não.* Refere-se a um biscoitinho conhecido como brevidade. *Deprimeiro eu ia lá com minha mãe. Vem de fasto: Recua, retrocede. O carro veio vindo de fasto, bateu no muro, quebrou luz trazeira e amassou parachoque! Foi prá Lanternagem... De primero, em antes de conhecer chuveiro, nunca que eu tinha tomado água na cacunda, sabe? Só de chuva.* Está falando do alto das costas. Cacunda é corruptela de corcunda. Espadonga-

do é bagunçado, espalhado. *Filho dela veio da escola, tirou o uniforme e, na pressa, deixou tudo expandongado no quarto da mãe. A mãe não cuida direito dessa menina. Ela vive desgadanhada, desgrenhada, desguedelhada. A roupa dela teve toda fuxicada. É de roupa amassada a queixa. Toma modos, menina, tá sempre fuxicando a roupa, que é isso? Sungar é erguer. Sunga essas calças, homem!* Até o nariz resfriado pode ser sungado: *sunga esse nariz, tá meaçando pingá... menino!* Não compartilhar copo ou colher usados, estão *babujados*. *Essa menina toma sorvete e depois mostra a cara toda babujada. Osga, não vale uma osga. Não vale nada! Hoje é quinta? Isso aconteceu transanteontem, transantontem. Foi em Toflotoni, (Teófilo Otoni) com o Atretis, o Acrésio (Atlético Mineiro, time de futebol popular no Belorizonte).* Está com a pia da cozinha entupida? *Ora mãe, chama o bombeiro prá consertar essa pia, sabe?* Bombeiro é encanador. *E tanto, e tanta: É fração: Quanto? Pesou um quilo e tanto! Quantas horas? Oito e tanta!* Mas pode ser sobra de qualidade: *Aquele amigo do Chico? É um trabalhador e tanto! É um rapaz e tanto. O filho dela é um menino levado demais da conta. Além dos limites.*

Num armazém reuniam-se os *escuitadores do programa caipira, no rádio de seu Maneco. Prá esperar a hora do programa caipira, alguns pitavam seu palheiro, outros se escoravam no balcão. Enquanto isso, chegavam fregueses: Que desejam?* O comprador: *Sale, crioseno i cabornate, tudo picado* (sal, querosene e bicarbonato de sódio), nas quantidades do costume.

Aí entra o Tomé, filho do Tião Gomide, doido por pescaria. Então, alguém pergunta: E transantonte, Tomé, coméque foi? Pegaram quantas? (quantas traíras, pescaram no Poço da Lagoa Grande?) ... Resposta: *Vortamo sapateiro! Uai, seô, não pegaram nada?! Diz que lá anda danado de bão! É mais botei as mão pro céu de chegá vivo inté aqui... E do jeitão esparramado,* Tomé foi contando o fracasso da pescaria, cheio de gesticulação... *Eu mais pai tava chegando lá, eu ia na frente, baita esperança de traze muita traíra, sabe, ali no Ipê amarelo? De repente, escuito meu pai gritar: Cuidado Tomé, olha a Fumaça. A vaca tinha acabado de parir... quase pisei no bezerro, ainda deitado. Fumaça bufava e urrava. Mais que de pressa, subi na árvore. A mãe andava em roda, se*

espaventava a gente ou se tomava conta da cria. Quando parecia sossegar, deu uma corrida no nosso rumo... Pai, coitado, mal deu conta de se meter numa moita fechada. E o tempo foi passando. Vi o sol baixando e pensava na trairama na flor d'água, enquanto pai continuava lá dentro da moita de esporão, assustado. De lá não queria sair. Pensei: como entrou, tem que sair, uai. E, aí, quécoce fez Tomé?

*O único jeito que me veio na cabeça foi tocá fogo na moita pro veio Tião se sacudi e escapuli de lá...!! É o aperto, uai, é o que faz o sapo pular... **I***

Celso de Almeida Cini
Cadeira 37 - Patrono Afonso Schimidt

ALGUMA POESIA NO BREJO DAS ALMAS E O SENTIMENTO DO MUNDO

**Sérgio
Ballaminut**

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda,
Sem esperança...

Carlos Drummond de Andrade

“**S**^{top}. A vida parou ou foi o automóvel? O mundo parou... os homens ficaram calados. Há uma hora em que os bares se fecham e todas as virtudes se negam. Um grito pula no ar como foguete. O poeta entra no elevador, o poeta sobe, o poeta fecha-se no quarto. O poeta está melancólico.” O mundo está melancólico. Mais do que melancólico. O mundo está triste. Mais ainda que triste. O mundo, do medo, no fundo subsiste. É por isso que “provisoriamente não cantaremos o amor... Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços..., cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo...” Morreremos de medo? Quem? Quando? Quantos de nós? Pergunta um, sucumbido na fé: “Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus, se sabias que eu era fraco”? E pensa: “Deus me abandonou no meio

do rio. Estou me afogando... curvas curvas curvas... grandes abraços largos espaços eternamente”. Já outro, mais conformista: “Que a vontade de Deus se cumpra!”. E ainda retruca, com certo senso de humor: “Não se mate, oh não se mate, reserve-se todo para as bodas que ninguém sabe quando virão, se é que virão”. E está posta a confusão. “Nenhum pensamento de infância, nem saudade nem vão propósito. Somente a contemplação de um mundo enorme e parado.” Somente? Não. Também a certeza de que tudo cumpre um propósito e a consciência da necessidade que se impõe urgente de mudança de atitude e mente. A convicção de que essa “coisa miserável, suspiro de angústia enchendo o espaço, vontade de chorar, coisa miserável, miserável” há de passar. Mas, por enquanto, “é melhor sorrir (sorrir gravemente) e ficar calado e ficar fechado entre duas paredes...” a perder “o bonde e a esperança” na “... ladeira lenta em que os caminhos se fundem”. É melhor manter vasto o coração a ficar “triste sem querer” e deixar que uma sombra venha vindo, venha vindo e nos abraçe. É que “por uma frincha o diabo espreita com o olho torto”! E mesmo quando “as atitudes inefáveis, os inexprimíveis delíquios, êxtases, espasmos, beatitudes não são possíveis no Brasil, a gente tem que perseverar”. Não raro, gasto “uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever... mas a poesia deste momento inunda minha vida inteira. Meu verso é minha consolação. Meu verso é minha cachaça”. Pois é... de quando em vez “a soma da vida é nula. Mas a vida tem tal poder: na escuridão absoluta, como líquido, circula”. E, neste momento de dor, “tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo... na confluência do amor”. Não, “não serei o poeta de um mundo caduco”, nem “cantarei o mundo futuro”. “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.” O jornal não é a minha matéria, senão discutível referência a fatos. “O jornal conta histórias, mentiras... Ora afinal a vida é um bruto romance e nós vivemos folhetins sem o saber.” E agora, trilhando “o perdido caminho, a perdida estrela que ficou lá longe, que ficou no alto... vamos para o cemitério levar os corpos dos desiludidos encaixotados completamente...

Parafrazeando Drummond

Política Temerária
O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o vírus federal.

Enquanto isso o poeta federal
Sem máscara no nariz.

No Cabo do Ancinho

No cabo do ancinho tinha uma praga
tinha uma praga no cabo do ancinho
tinha uma praga
no cabo do ancinho tinha uma praga.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de tantas pessoas já arrastadas.
Nunca me esquecerei que no cabo do ancinho
tinha uma praga
tinha uma praga no cabo do ancinho
no cabo do ancinho tinha uma praga.

Consideração do Artigo

Este artigo meio crônica – ou deveria dizer meio crônico? – foi todo construído à base de citações de textos dos livros “Alguma Poesia”, “Brejo das Almas” e “Sentimento do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade. **I**

Sérgio Ballaminut

Cadeira 20 - Patrono Mário de Andrade

TEXTO E CONTEXTO

Um texto para reflexão e opinião, como é o caso, deve iniciar com um lindo e profundo provérbio, que consta ser chinês:

*“Se há luz na alma,
Haverá beleza na pessoa.
Se há beleza na pessoa,
Haverá harmonia na casa.
Se há harmonia na casa,
Haverá ordem na Nação.
Se há ordem na Nação,
Haverá paz no mundo.”*

O provérbio oriental acima foi escolhido porque os países do extremo oriente levam a sério a educação geral de seu povo, com destaque para a escolar. Nos exames Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, da sigla em inglês *Programme for International Student Assessment*), tais países estão sempre na linha de frente e esse fato os torna os mais desenvolvidos do mundo. Os professores sul-coreanos do equivalente à nossa educação básica por exemplo, chegam a ganhar até cinco vezes o piso brasileiro, no início de carreira, isto é, de oito mil a quinze mil reais. Aqui, no Brasil, por Lei Federal, o piso deveria ser de quase três mil reais. O deveria é proposital porque a maioria dos Estados e Municípios paga bem menos da metade do piso, conforme pesquisas realizadas recentemente, incluindo São Paulo, onde 24% dos municípios não pagam o piso oficial. Agora, falar desse salário nas Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste é mais doloroso porque a maioria dos seus professores da educação básica ganha menos da metade de um salário-mínimo nacional de mil e cem reais, embora assinem recibo do piso nacional de quase três mil reais. Estranho, não? Seria um tipo de “rachadinha”, tão comum nos meios políticos?

Segue um pensamento muito lindo e significativo de Immanuel Kant, filósofo prussiano (1724 – 1804), que es-

creveu obras filosóficas como Críticas da Razão Pura, Crítica da Razão Prática e Metafísica dos Costumes:

“Há muitas coisas que me enchem a alma de admiração, beleza e encanto: o céu estrelado, o sorriso de um aluno que aprende bem a lição e a alegria de exercer esta que considero uma das mais lindas atividades humanas, a de ser professor, pois ela é quase divina.” Sempre me orgulhei de ser professor, apesar da profissão ser uma das mais desvalorizadas no Brasil e, também por isso, nosso desenvolvimento, em todos os aspectos, é dos piores do mundo.

Voltemos, então, ao Texto E Contexto. A todo momento, lemos ou ouvimos alguém reclamar que não foi bem entendido e que o ouvinte ou o leitor pinçou uma frase ou palavra de sua declaração, tirando-a do contexto e aí a interpretação pode ter saído distorcida. Isto tem sido muito comum em entrevistas a jornalistas que, por isso, estão tomando muito cuidado em gravar tudo para evitar problemas com ações judiciais. O texto é nada mais e nada menos que um conjunto de palavras de um autor, avulso ou em livro, folheto, revista, documento etc., isto é, uma redação original de qualquer obra escrita ou depoimento de alguém em entrevista para a imprensa.

O contexto são as palavras do texto que contribuem para o melhor entendimento de seu significado no encadeamento do discurso. Assim, contextualizar um texto é prestar todos os esclarecimentos necessários para melhor informação, como: autor, época, local, principalmente, dados históricos e filosóficos importantes para a clareza da mensagem.

Agora, leiam, com muita atenção, o texto abaixo:

“Desde há mais de cem anos, espalhou-se uma grande quantidade de lamentações sobre a desordem das escolas e dos métodos e, sobretudo, nos últimos trinta anos quando se pensou, ansiosamente, nos remédios, mas com que proveito? As escolas permaneceram tais e quais eram. Se alguém, particularmente, em alguma escola, começou a fazer qualquer coisa, pouco

adiantou: ou foi acolhido pelas gargalhadas dos ignorantes, ou coberto pela inveja dos malévolos, ou então, privado de auxílios, sucumbiu ao peso dos trabalhos; até agora, todas as tentativas têm vãs.”

Qual a primeira impressão que o texto acima nos causa? Afirmamos que se trata de um relatório recentemente escrito por algum pesquisador de educação ou por elementos de algum grupo de estudo de um órgão oficial e que, com certeza, trata-se de um trabalho atual e produzido no Brasil. Parece, não?

Vamos, então, contextualizá-lo: é um texto extraído da obra prima de Comenius, *A Grande Didática (Didactica Magna)*, também conhecida por *Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, livro publicado em 1638, portanto, há 383 anos.

Mas, afinal, quem foi Comenius? A Grande Enciclopédia Larousse Cultural nos fornece alguns dados importantes:

“Comenius, nome latinizado do humanista checo Jan Ámos Komensky, nasceu em Nínive, perto de Uherskt Brod, Morávia, em 1592 e faleceu em Amsterdã em 1670. Padre e depois bispo dos irmãos Boêmios, foi obrigado a exilar-se na Polônia em virtude da perseguição ordenada por Ferdinando II contra os reformados (protestantes). Escreveu sua obra prima, A Grande Didática, em 1638. Suas concepções humanistas e pedagógicas fazem dele um precursor da educação moderna.”

Concluimos com uma famosa frase de Comenius:

“A proa e a popa de nossa didática serão investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais; nas escolas haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil e, ao contrário, haja mais recolhimento, mais atrativo e mais sólido progresso.” (Extraído de sua obra citada).

Infelizmente, no Brasil, não falta apenas uma boa didática a ser adotada em nossas escolas. A elas faltam prédios, equipamentos, bons profissionais da educação e, acima de tudo, política educacional voltada para melhoria do processo de ensino-aprendizagem que, como tenho dito sempre, passa, necessariamente, por um bom professor, bem formado, atualizado, motivado e, principalmente, bem remunerado, com um mínimo de oito a dez salários-mínimos atuais. Sem isso, vamos continuar como um país subdesenvolvido e dos mais atrasados do mundo.

Ah! Bom! Agora sim, o texto de Comenius ficou muito mais claro, porque contextualizado. **¶**

Clóvis Roberto dos Santos
Cadeira 16 - Patrono Euclides da Cunha

O KARL QUE PRECEDEU MARX AVENTURAS INSÓLITAS DE UM JOVEM INQUIETO

André Chaves

*Limbs of Love, by Spirit once released,
Shine again within their Mader's treast.
To my father – 1837, by Karl Marx*

Nascido na cidade de Tréveris, província da Renânia-Palatinado, Alemanha, próximo à fronteira francesa, em cinco de maio de 1818, Karl Marx é conhecido mundialmente por sua produção intelectual (filósofo, sociólogo, historiador, economista e jornalista) e pela sua militância no movimento revolucionário socialista científico europeu ao longo do século XIX. Sem embargo, poucos conhecem sua inclinação à Literatura e mesmo os escritos ficcionais por ele compostos durante a juventude são ignorados/desconhecidos.

Para entender esse amor pela Literatura, é necessário conhecer sua herança intelectual. Seu pai tinha o nome familiar Hershel Marx Levi Mordechai (1777 – 1838), pela ascendência judaica, linhagem que continha muitos rabinos influentes vividos na região. Não era um judeu de ideais radicais, mas progressistas: entre suas leituras se encontravam Filosofia e Literatura. Aproveitou as oportunidades da integração dos judeus à sociedade germânica oferecidas no Período Napoleônico, no qual a região ficou sob as rédeas desse imperador gálico. Estudou Direito e tornou-se advogado em 1813; casou-se no ano seguinte com Henriette Presburg (1788 – 1863), também judia, que sem a aptidão erudita do cônjuge, permaneceu atenta e dedicada aos afazeres do lar.

O trabalho liberal oferecia renda mediana ao chefe da família, o que possibilitou ao casal ter nove filhos em um decênio. Como o primeiro filho veio a óbito ainda criança, Karl tornou-se o mais velho, posição que lhe conferiu proximidade afetiva ao pai.

Quando a região retornou ao controle do Reino da Prússia, o chefe da família optou por se converter ao luteranismo a fim de escapar às limitações legais que o Estado impôs aos judeus. Foi batizado em 1817 com o nome germânico Hershel Heirich Marx; Karl teve que seguir mesma opção.

Variados fatores influenciaram Karl a compartilhar uma visão esquisita do mundo: ao mesmo tempo racional, progressista e romântica. O primeiro foi herdar as mesmas preferências literárias do pai, cuja admiração foi crescente e evidente ao longo da vida, hoje conhecida através de farta correspondência. O segundo foi a figura de Johann Heinrich Wyttenbach (1767 – 1848), professor e diretor do Ginásio de Tréveris, onde Karl estudou. Admirador da filosofia de Emmanuel Kant (1724 – 1804) e da literatura de Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832), dedicava-se a manter o círculo escolar em ambiente aberto, propício à discussão teórica e busca pelas respostas científicas. Embora fosse frequente a perseguição do Estado Prussiano a docentes e discentes, manteve-se firme em suas convicções.

O terceiro foi a amizade com a família Westphalen. Johann Ludwig von Westphalen (1717 – 1842) era amigo próximo de Hershel Marx, e comungavam ideais racionais e iluministas, as famílias se confraternizavam com frequência, e foi nesse círculo que Karl fortaleceu suas convicções e conheceu sua futura esposa, Johanna Berta Julie von Westphalen (1814 – 1881).

Na juventude, surgiram as primeiras composições de Karl. Mantiveram-se preservadas suas redações para o *Abitur* (nome do exame de conclusão do Ensino Médio na região) em 1835 –, entre as quais se destaca a dissertação *Reflexões de um Jovem sobre a Escolha da Profissão*, na qual defende, antes de tudo, que Deus criou o ser humano para enobrecer o próprio Ser Superior e a humanidade; diante

disso, embora a triagem das profissões levasse em conta a energia dos jovens para escolher um curso no Ensino Superior capaz de realizar seu espírito, entendia que o sujeito deveria considerar o “bem-estar da humanidade” (o bem comum) e a “própria perfeição” (desenvolvimento moral e ético do espírito humano) para a escolha.

O quarto foi o ingresso na Faculdade de Direito da Universidade de Bonn, não por envolver-se em pesquisas e militância estudantil, mas por juntar-se ao Clube da Taverna de Tréveris (no qual chegou a Presidente), confraria que agregava estudantes e analistas literários. Entre cervejas e discussões acaloradas sobre variados temas, liam-se os escritores românticos – em preferência aos poetas germânicos – para satisfazerem-se de emoções e afinar o idioma.

Em meio à intensa correspondência com os pais e após se mudar para a Universidade de Berlim, foi encontrado um conjunto de quarenta poemas “dedicado ao meu querido pai por ocasião de seu aniversário de sessenta anos como um sinal franco de amor eterno”, escritos em 1837, depois intitulado *Livro dos Versos*. O presente encheu de felicidade o coração de Hershel Marx, embora tenha falecido no ano seguinte e não realizado plenamente porque Karl trocara o curso de Direito pela Filosofia.

Inspirados no grande nome do romantismo alemão Christian Johann Heinrich Heine (1797 – 1856), os versos curiosamente evitavam o enaltecimento de princípios políticos iluministas ou tédio existencial, mas se apresentavam carregados de descrições rebuscadas da realidade, valorização dos sentimentos humanos, manifestações subjetivas e idealizadas do amor e da amizade, enaltecimento da família e grande otimismo pelo futuro da humanidade.

No mesmo ano, em outra composição poética, *Canções Selvagens* (também conhecida por *Amor da Madrugada*) pode-se observar grande sensibilidade na escolha e colocação das palavras figuradas, intuições que criticavam o modo de vida urbano e moderno, avesso à arte e propenso à produção econômica, saudosismo do passado glorioso antes da indústria, de trabalho nos campos e da vida próxima à natureza.

Também chegaram a nossos dias dois textos ficcionais importantes de Karl: *Escorpião e Félix*, vinte e quatro capítulos lacunares de um Romance Humorístico no qual dois jovens amigos, pertencentes a famílias de influência socioeconômica, leitores de influentes romancistas, renomados filósofos e grandes clássicos, todos germânicos, se deparam com as distâncias existenciais entre a moral e a ética propugnada pelos seus ascendentes e a realidade hipócrita na qual vivem. O bom humor e a honestidade com que desata a trama tornou-se marca indelével do pensador maduro que sua vida o levaria a alcançar. Traços que lembram os da obra *A vida e opiniões de Tristram Shandy, Cavaleiro*, de Laurence Stern (1713 – 1768), editado em nove volumes entre 1759 e 1767. Embora inglês, os censores alemães não conseguiram impedir sua distribuição e leitura nos territórios germânicos, especialmente no meio universitário.

Depois de poeta e romancista, Karl aventurou-se como dramaturgo. A peça em versos *Oulanem*, um anagrama da palavra Emanuel, um dos nomes pelos quais o povo hebreu denominava seu messias, era uma maneira de mostrar a tradição moral judaico-cristã baseada na humanidade e na espiritualidade necessárias para o trato com o outro, que se corrompia irreversivelmente diante de uma ética materialista e concorrencial pós Revolução Industrial; portanto, a hipocrisia humana afastaria a vida coletiva das orientações do Deus-conosco. Mantém-se firme na sátira e na sinceridade para, nas quatro cenas do que seria o primeiro ato, apresentar o viajante alemão Oulanem; seu acompanhante, Lucindo, um morador de uma pequena cidade nos Alpes Italianos; Pertini, também da mesma localidade; Alwander, com sua filha adotiva Beatrice; o monge Porto; e Wierin, personagem sem clara definição. As cenas mostram o mal-estar causado pelos interesses individuais, que não abrem mão de seus instintos e desejos egocêntricos em prol do bem compartilhado; somente uma mudança geral na mente das pessoas recomporia a humanidade.

Com o aprofundamento dos estudos sobre a Tradição Filosófica Ocidental, Karl descansou seus escritos em gavetas das quais não saíram para serem acabados, ou se

foram, esses complementos se perderam. Quando teve contato com as bases filosóficas conservadoras e elitistas de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831), aspirações mantidas após a morte deste pelo grupo denominado Direita Hegeliana, especulação filosófica contrária às suas propensões intelectuais, aproximou-se dos Jovens Hege- lianos, também críticos dessa posição e, por isso, chama- dos comumente de Esquerda Hegeliana, que o liberou para fortalecer o pensamento independente, base de sua produção intelectual.

Envolveu-se com o Clube dos Doutores em 1838, afastou-se do Direito e se entregou ao estudo da Filosofia, em caráter definitivo após a morte do pai. Esse grêmio tinha como expoente Bruno Bauer (1809 – 1882) que o ani- mou a impor a marca de suas convicções em uma obra de cunho acadêmico. Foi o momento em que Karl compro- meteu-se em desenvolver a Tese de Doutorado em Filoso- fia *A Diferença entre a Filosofia da Natureza de Demócrito e Epicuro*, por meio da qual desejava apresentar um ciclo da filosofia epicurista, estoica e cética em conexão com a es- peculação grega como um todo (que também denominou “filosofia da autoconsciência”), mas, diante da extensão da empreita, preferiu comentar como Demócrito de Abdera (460aC – 360aC) e Epicuro de Samos (341aC – 270aC) ponderaram acerca do átomo e da matéria; assim, visava entender como eles abordaram as condições da liberdade humana e as possibilidades de se apresentar uma filosofia que rompesse com a tradição.

Foi justamente uma nova forma de desenvolver a Filo- sofia, mais humana e observadora da realidade da popula- ção como um todo, iniciada pelo livro *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, escrito em 1843, e concluída com seu Magnum opus *O Capital – Crítica da Economia Política*, cujo primeiro volume foi editado em 1867, e por meio do qual Karl se tornou o conhecido Marx.

Embora tivesse produzido inúmeros apontamentos sobre a cultura e as artes – em especial sobre a literatu- ra – até sua morte em 1883, foi na juventude que Karl Marx formou sua base moral e escolheu viver sob a ética da honestidade e da humanidade, que ficaram marcadas

por toda sua produção filosófica, sociológica, historiográ- fica, economista e jornalística. Um homem que manteve o espírito inquieto para compreender a História do seu tempo, mas esperançoso quanto ao futuro da humanida- de. Lamenta-se que não tenha continuado com sua pro- dução literária, forma mais sutil de descobrir os absurdos da existência, cujos fragmentos nos chegaram através de publicações póstumas.

Certo é que Karl Marx alimentou sua alma não apenas com instrumentos linguísticos, morfológicos, semânticos e pragmáticos da língua e cultura alemã, mas também com princípios racionalistas e ilustrados, que o auxiliaram em sua análise crítica titânica do sistema socioeconômico capitalista, muito além das características do domínio do capital e dos seus doutrinadores, capazes de criar discurs- os mentirosos com linguagem aprimorada, sentido lógi- co, explicitamente pseudocientíficos. O indiscutível estilo jocoso, verdadeiro e humanista deste escritor tornou sua obra clássica, ou mais que isso, antológica. **¶**

André Chaves

Cadeira 06 - Patrono Machado de Assis

Bibliografia

MARTINS, Douglas Rafael Dias. O caminho do jovem Karl Marx para o hegelianismo in Revista Kínesis, Volume X, Nú- mero 25, 2018, pp. 40 – 61/MARX, Karl. A Book of Verse in Marx and Engels Collected, Vol. 1, International Publishers, pp. 683 – 685.
Wild songs in Marx and Engels Collected, Vol. 1, International Publishers, pp. 687 – 688./Reflexões de um Jovem sobre a Escolha da Profissão 10 a 16 de agosto de 1835 <https://www.marxists.org/portugues/marx/1835/08/16.htm> acessado em 20/06/2021./Escritos ficcionais, São Paulo, Editora Boitempo, 2018./A Diferença entre a Filosofia da Natureza de Demócrito Epicuro, São Paulo, Editora Boitempo, 2018./Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, São Paulo, Editora Boitempo, 2013. O Capital – Crítica da Economia Política, /MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura – textos escolhidos, São Paulo, Editora Expressão Popular, 2017.SAGRILLO, Angelo./ Karl Marx – Uma biografia dialética, Curitiba, Editora Appris, 2019.

UMA EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA NO AMAZONAS

**Humberto
Domingos
Pastore**

Durante três anos, a missionária Cida, que é leiga consagrada pela Diocese de Santo André, esteve na Prelazia de Tefé, a 264 km de Manaus, no Amazonas, desenvolvendo sua missão pastoral, onde era comum ficar-se até 20 dias dentro de uma embarcação para chegar às comunidades mais distantes. Por meio deste artigo vamos ter uma visão muito diferente de quem está acostumado a viver aqui no Sudeste no Brasil.

“Minha missão foi pastoral. Auxiliava na administração das paróquias e percorria as comunidades, incentivando a criação de pastorais para que a população se organizasse em torno da Igreja Católica, numa missão da CNBB, e se firmasse para andar com seus próprios pés, promovendo sua autossustentação”.

“A Prelazia é mais importante que a própria cidade. Para se chegar às cidades que compõem a Prelazia, só por meio fluvial. De Manaus a Tefé são 36 horas viajando de barco. Em Tefé estão a Cúria e o Centro de Pastoral. A cidade tem duas agências bancárias, o prédio da Prefeitura, uma guarnição da polícia, um hospital, sendo que os casos mais graves são encaminhados para Manaus. Não há tratamento da água e o esgoto corre a céu aberto, principalmente nos bairros. O índice de doença ali é muito grande”.

“Também fui missionária em áreas longe desse centro. Em Alvarães atuei na Paróquia São Joaquim, que tem 43 comunidades ribeirinhas. Todas muito distantes. Gasta-se até uma semana para visitar apenas cinco comunidades. Estive um período em Uarini, na Paróquia Divino Espírito Santo, também, com diversas comunidades bastante longínquas. É preciso entender que essas paróquias são semelhantes às nossas capelas de bairro, nada muito grande”.

“As comunidades se formaram pela miscigenação entre o índio e o povo nordestino e europeu. Dessa união tivemos o surgimento do caboclo, mas permanecendo a cultura indígena. Tanto que é comum o dormir na rede, o longo período de silêncio contemplativo, o viver no tempo da natureza. Nada deve ser forçado. É o mesmo Brasil, mas completamente diferente”.

“Os momentos festivos são bastante valorizados. Eles duram nove dias e toda a cidade para. As repartições públicas não funcionam, não têm aulas nas escolas. Todos vivem intensamente a festa, como a do Divino Espírito Santo, no tempo de Pentecostes. As pessoas vêm de longe, hospedam-se onde podem e permanecem ao redor da paróquia pagando as promessas”.

“A falta de padres na região fez com que os nativos valorizem ao máximo a Palavra, já que a missa com sacerdote acontece em muitos locais, somente uma ou duas vezes ao ano. As pessoas amam aquilo que conhecem, e o que eles conhecem como celebração é a partilha da Palavra, que é feita pelo dirigente do culto, o nosso aqui ministro da Palavra, que deve ter uma conduta condizente com a sua fala. Se o povo descobre que seus atos não se assemelham com o que prega, nunca mais vão ouvi-lo”.

“Em Uarani íamos de barco até a última comunidade. Ao passarmos com o barco dávamos o sinal e o povo aguardava o nosso retorno. Depois voltávamos, parando nas comunidades, onde o animador celebrava o culto, fazia casamento, batizado, primeira comunhão. Tudo isso é anotado e depois registrado no livro da paróquia. A gente usava muito o rádio para avisar que estava chegando”.

“O animador, que equivale a um ministro da Palavra, é um trabalhador da roça, alguém que vive da pescaria. Ele nada ganha para exercer a função, mas não se importa em deixar sua “tapera” (casa) por dez, quinze, vinte dias para viver dentro do barco. Ele sabe que quando der sono vai dormir em sua rede. Quando tiver fome bastará pescar. A natureza tudo lhe dá”.

“A população dedica ao missionário uma elevada estima. Ele é chamado para resolver os mais diversos proble-

mas, e é por isso que deve ser uma pessoa bem-preparada. Vira e mexe estão solicitando nossa presença, seja na delegacia, no hospital. Temos que fazer papel de juiz, de prefeito, de médico, de conselheiro. Mas é preciso acima de tudo respeitar a cultura, os hábitos, a vida desses nossos irmãos amazonenses. Eles até pedem que apresentemos uma solução para algum caso, mas preferia sentar-se com eles e dizer: Vamos pensar juntos numa solução”.

“O missionário deve ter em mente que não está lá para ensinar, mas para ajudar, para somar com todos. É preciso deixar que eles façam por si. E, uma vez aprendendo, continuem executando. Se o missionário não delega, ao ir embora toda obra volta à estaca zero. Nós levamos os casos para o “ajuri”, que é um termo indígena e quer dizer Mutirão da Palavra de Deus. Parecido com nosso Círculo Bíblico muito apreciado por eles”.

“O povo nativo tem uma visão da morte diferente das demais regiões brasileiras. Vivem de forma muito intensa e por longos dias se mantêm em luto. Neste momento, contam muito com a presença dos missionários. Além de fazermos as exéquias, acompanhamos a família por sete dias, até que aos poucos a vida vá voltando ao normal”.

“Diferente do que ocorre no Brasil de uma forma geral, lá o batistério ainda tem valor de documento. Não existe cartório, não existe órgão expedidor de registro de nascimento e, assim, esse papel entregue pela Igreja passa a ser o único atestado que eles têm”.

“O som da mata, a cor da floresta, o verde hipnotizante, o barulho das águas batendo no casco do barco: tudo isso ainda ressoa em minha mente. O Amazonas é um verdadeiro paraíso. É muito bonito. Durante o tempo de missão, vi muitos missionários desistindo após trinta, sessenta dias. Eles não se acostumavam”. “Tive o agravante de partir deixando minha mãe doente aqui no Grande ABC. Foi muito dolorido. Eu queria saber como estavam meus familiares, o que estava acontecendo na Diocese de Santo André. A melancolia batia sempre quando o sol estava indo embora. Enquanto as pessoas estavam conosco esquecíamos a saudade, mas quando iam embora e ficávamos sozinhos, era realmente muito duro”.

“Para eles um presente comprado na loja tem pouco ou até mesmo nenhum valor. Agora se você der algo seu, algo que você está usando, isso tem um significado superespecial. O mesmo acontece quando dão um presente. Se eles gostam de você, pegam algo pessoal e lhe entregam”.

“A única emissora que pegava naquele interior era a TV Globo, mas são bem poucos os locais com aparelho. A energia elétrica é bem controlada. O racionamento constante. Imagina ficar sem luz, sem ventilador. Aliás, banho durante a visita pastoral é só nos rios. E tomando cuidado para não entrar num local infestado de piranhas e até mesmo de jacarés”.

“A região é muito quente e úmida. Vivíamos com a temperatura constante na altura dos 30 graus. O sol possui uma claridade intensa que às vezes dificulta a visão. O ideal é dormir na rede, mas tomando cuidado com os muitos carapanãs (pernilongos). Na selva, vemos constantemente os macacos, jacarés, que surpreendem os povos ribeirinhos mais distraídos causando-lhes alguns ferimentos, muitos fatais. As cobras são também em número elevado, de algumas se extraem remédios para cura de várias doenças”.

“É muito doloroso ver o sofrimento do povo. Moram num paraíso; e eles que são as criaturas mais belas de Deus, vivendo tão precariamente por falta de saneamento básico, de atendimento médico. O serviço de coleta de lixo é feito pelos urubus. Felizmente as Pastorais Sociais estão levando a consciência de cidadania e a população começa a ser mais exigente. É curioso ver que os prefeitos das cidades não moram nesses locais. A maioria vive em Manaus. O interessante é que quando eles aparecem nesses municípios são recebidos com fogos de artifícios, tratados como personalidades ilustres e até como visitantes mesmo sendo os ‘responsáveis’ do local”.

“Felizmente têm surgido muitas lideranças entre estes povos ribeirinhos. Gente que muitas vezes nem sequer estudou até a oitava série e que demonstra ter muita sabedoria nascida da vivência. Eles traduzem aos demais o que aprenderam, o que foram buscar fora de lá e passam

o ensinamento necessário. Vi muitos indígenas que estão fazendo faculdade com objetivo de se tornarem os mestres de seus conterrâneos, mas sem perder sua cultura. Trata-se de um povo que não esconde seus sentimentos”.

“A gente não vê nenhum amazonense fora de seu Estado. É que eles não trocam sua terra por nada. Amam o seu espaço de chão, e não se sentem bem vivendo em outro local. Aliás, eles não sentem curiosidade por conhecer outras cidades. Foi interessante ver que eles estavam preocupados com a minha vinda para São Paulo. Eles queriam saber se eu não estava com medo de vir para uma região onde a violência armada é muito elevada”. **¶**

Humberto Domingos Pastore
Cadeira 19 - Patrono Dom Aquino Correa

COMO FAZER O BRASIL ANDAR

Milton Bigucci

Entre os fatores desestimulantes na geração de empregos estão: o Custo Brasil, a excessiva burocracia e a corrupção que desestimula a produção e o empreendedor.

Fala-se em reforma tributária para aumentar a receita, onerando o povo, mas se ignora a reforma administrativa. Sem ninguém que se aventure em mudar os gastos públicos e seus excessivos e intocáveis privilégios. O argumento sempre recai no aumento da arrecadação e não em como diminuir os gastos. Qual futuro teremos?

Discute-se política, sem levar-nos a lugar algum. Os problemas cruciais são ignorados.

As redes sociais contribuem pouco para solucionar de forma prática os graves problemas do país.

A vitória para o empreendedorismo se inspira na criatividade, no otimismo e na persistência. Não é qualquer obstáculo que derruba o bom empreendedor que não se acomoda.

Devemos incentivar os nossos colaboradores e modernizar a empresa para que possam alcançar seus objetivos financeiros e pessoais.

É importante que os CEOs e a diretoria estimulem seus funcionários a oferecerem ideias, buscando o engrandecimento da empresa. Os talentos devem ser estimulados pelos líderes.

As empresas que criam empregos deveriam receber bônus ou estímulos tributários, assim como algumas prefeituras, que dão redução de impostos ou isenção.

Enfim, o que não pode mais acontecer é aumentarem-se os privilégios públicos e a carga fiscal, que é enorme, incentivando-se, com menos burocracia, os produtores na geração de mais empregos.

Empreender é fácil!

Como? Trabalhando, estudando e, acima de tudo, perseverando.

Não existe uma regra única para empreender. Cada caso é um caso. É preciso ter visão de futuro. A experiência adquirida ajuda muito. Aprende-se a cada minuto. É preciso conhecer em profundidade o que se quer produzir e vender.

Não se deixe levar pelo entusiasmo. Uma análise criteriosa deve ser feita. Ouvir, analisar o mercado, a concorrência e o público-alvo. Participe do dia a dia de sua empresa. O intercâmbio é importante para ela.

O Brasil tem hoje 11,9 milhões de MEI's e 7,6 milhões de empresas com CNPJ. A faixa-etária que mais empreende está entre 35 e 64 anos (66,5%).

Em 2020 houve um crescimento de cerca de 2 milhões de pessoas que se tornaram Microempreendedores Individuais — MEI, por necessidade, em consequência da pandemia da Covid-19.

Nem sempre o empreendedorismo vem por ideal, na maioria dos casos vem por necessidade.

Ainda que não seja um empreendedor nato, aprenda e alcançará a vitória!

A culpa está dentro de nós

Tudo que vem de mão beijada não tem valor.

É comum ver muitas pessoas reclamando de que precisam de ajuda, mas não fazem nada que justifique essa necessidade.

Milhares de seres humanos realmente necessitam ajuda, mas o que realmente precisam é de emprego e frentes de trabalho, para poderem sustentar suas famílias.

Sempre digo e defendo que cada um deve demonstrar um mínimo de boa vontade e fazer algo útil para encontrar seu lugar na sociedade.

No entanto, o que vejo são pessoas reclamando, sem fazer nada para melhorar, transferindo a culpa para outros na tentativa de justificar a própria incompetência. Ora, parem de reclamar e façam algo útil! Mudem, sejam otimistas!

Dia desses vi em Santo André uma medida excelente do governo municipal, prefeito Paulo Serra, criando mil vagas para o Programa Frente Social de Trabalho, sendo 500 para mulheres e 500 para homens, todos maiores de 18 anos, que receberão um salário-mínimo cesta básica em dinheiro, refeição, cursos de capacitação e outros benefícios. Eles irão trabalhar/produzir em programas de zeladoria, manutenção, limpeza, ajudando a cuidar da cidade, resgatando, ao mesmo tempo, a própria dignidade.

A Prefeitura de São Caetano do Sul também abriu mil vagas para desempregados há pelo menos seis meses, pagando dois terços de um salário-mínimo, por obra do prefeito Tite Campanella.

São exemplos como este que ajudam as famílias a sobreviverem sem a sensação de que estão esmolando, mas sobrevivendo com seu trabalho.

Conheço muitas pessoas de origem humilde que tiveram oportunidade e hoje são vitoriosas.

Deixemos de justificar as nossas derrotas. Com saúde não pode haver derrota. Vamos parar de reclamar e seguir em frente. A culpa está dentro de nós. **I**

Milton Bigucci

Cadeira 05 – Patrono Lima Barreto

REFLEXÕES SOBRE A VIDA

João
Bosco

O programa “Provocações”, transmitido pela TV Cultura de São Paulo, apresentado semanalmente pelo ator e diretor teatral Antônio Abujamra, falecido em 2015, era um programa de entrevistas, conduzido num tom claramente informal, no qual o entrevistado, descontraidamente, respondia às perguntas do entrevistador, até jocosamente. Invariavelmente, a atração era finalizada com a indagação “O que é a vida?” Dada a resposta, não satisfeito, Abujamra insistia: “O que é a vida?” Nova resposta e vinha a repetição: “O que é a vida?”. Interessante observar que os entrevistados se mostravam incomodados e inseguros quanto às respostas a tal provocação seguidas vezes. E eu, como espectador, também! De fato, é uma pergunta instigante que nos impele a respondê-la fazendo um exercício de imaginação. Jamais me debrucei sobre a busca de uma resposta à pergunta, pois, sempre que o assunto entra na pauta valho-me de conceitos ou definições explicitadas por outras pessoas, pensadores, filósofos e religiosos para inserir-me nas discussões.

Antônio Houaiss (1915-1999), intelectual de reconhecida capacidade, lexicógrafo e autor do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, dentre outras definições nele escreve: “a existência do espírito, vista como uma transcendência da morte física”. Uma definição complexa já que transcendência pode ser interpretada como “qualidade de Deus em relação ao mundo e aos seres que Ele criou”. Obviamente, é uma resposta que, provavelmente, satisfaz aos teístas, mas não aos menos letrados os quais, quase sempre, preferem algo mais dissertativo ou discursivo. A insistência de Abujamra, um homem culto, em ouvir os seus entrevistados, certamente, não lhes direcionariam àquele tipo de definição.

Interpretações sobre o conceito de “vida” são variadas.

O Espiritismo a define como “encarnação”:

“Deus lhes impõe a encarnação com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição. Para alguns é uma expiação, para outros é uma missão. Todavia, para alcançarem essa perfeição, devem suportar todas as vicissitudes da existência corporal; nisto é que está a expiação. A encarnação tem também outro objetivo que é o de colocar o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da criação.” (Livro dos Espíritos, Questão 132.)

Nietzsche, F.W. (1844-1900) filósofo prussiano do século XIX, formulou teoria acerca do conceito de vida enfatizando que tudo é um devir, mudança constante, de tal sorte que a vida como parte integrante deste mundo também é mudança. Seu grande projeto filosófico é não negar a vida. Para ele, “tudo vai, tudo volta; a roda da vida gira sem cessar; tudo morre; tudo volta a florescer; correm eternamente as estações da vida.” Nietzsche se contrapôs ao niilismo de Arthur Schopenhauer, de quem foi admirador, o qual apregoava: “A todos os momentos a vida principia; ao redor de cada aqui, gira a bola acolá.” (...) “a própria vida é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do alheio e do mais fraco, opressão, dureza, imposição das formas próprias, incorporação e, pelo menos, no caso mais ameno, exploração”. Para Schopenhauer “viver é sofrer”!

Wolfgang Heuer, historiador e professor de Filosofia Política, na Universidade Livre de Berlin, em *Corpo e vida: a crítica de Hannah Arendt à modernidade científica*. (Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 20: 2010, pág. 534), escreveu:

“Vivemos já desde há muito uma mudança de paradigma. Não somente se trata da vida com respeito aos produtos saudáveis ou de uma maneira sadia de viver. Trata-se da vida na sua generalidade – desde a ecologia até a biotecnologia – e não somente da vida sob a perspectiva da saúde, mas também sob a perspectiva de usar energias biológicas e processos biológicos para a produção industrial. Para esse fim, deve ser decifrada não somente a vida humana, mas toda a vida.

E aduz:

(...) Finalmente, o cidadão biológico desenvolve “bio-valores” que giram em torno da saúde e da vida, e que, como se fossem os valores mais importantes, governam moral, economia e política. A vida já não só é o supremo dos bens, senão transforma-se ao mesmo tempo na própria prisão.

A própria Hannah Arendt, filósofa e teórica política contemporânea, assim se manifestou: *“Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva”*.

Para o budismo, uma religião ateuista, a vida deve ser encarada sob três marcas indissociáveis:

1. Transitoriedade, que prega que “tudo é impermanente”, ou seja, tudo tem um começo e um fim, nada dura para sempre e, finalmente, tudo passa;
2. Insubstancialidade, o budismo afirma que “tudo é insubstancial”. Com isso, quer dizer que nada existe e nada acontece de forma absolutamente independente;
3. Sofrimento, a última das três marcas da vida é o sofrimento, que é expresso com este preceito: “tudo é insatisfatório”. Quer dizer que não há nada nem ninguém no mundo que possa gerar uma satisfação constante e permanente.

Segundo os budistas a vida é a manifestação do *karma*, cuja definição diz que: “Se você deseja entender as causas do passado, observe os resultados que se manifestam no presente. E se você quiser entender quais resultados se manifestarão no futuro, observe as causas postas no presente.”

Na literatura poética. Pedro Calderón de la Barca (1635), no “Monólogo de Segismundo”, da peça “A vida é sonho”, registrou:

*“O que é a vida? Um frenesi.
O que é a vida? Uma ilusão,
uma sombra, uma ficção,
e o maior bem é pequeno:*

*que toda vida seja sonho,
e os sonhos, sonhos são.”*

Mário Quintana, inspiradíssimo, escreveu em “Minha Vida”:

*“Minha vida não foi um romance...
Ai de mim... Já se ia acabar!
Pobre vida que toda depende
De um sorriso... De um gesto... Um olhar...”*

Na música popular brasileira, Gonzaguinha, nome artístico de Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991), no samba “O que é, o que é”:

*“E a vida? E a vida o que é, diga lá, meu irmão:
Ela é a batida de um coração,
Ela é uma doce ilusão? Mas, e a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento
Ela é alegria ou lamento
O que é, o que é, meu irmão?”*

Vinícius de Moraes, em “Como dizia o poeta”, escreveu:

*“Quem já passou por essa vida e não viveu
Pode ser mais, mas sabe menos do que eu
Porque a vida só se dá pra quem se deu
Pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu”*

Carl Jung formulou uma pergunta fundamental: a existência de uma pessoa em particular está relacionada com algo no infinito? Ora, o infinito é visto como “um conjunto ou série com final ou fronteiras desconhecidas”. A vida humana acaba com a morte? Como Antônio Abujamra deixo a provocação para quem quiser respondê-la: afinal, o que é a vida? **T**

João Bosco dos Santos

Cadeira 28 – Patrono Catulo da Paixão Cearense

POR UMA NOVA AUTONOMIA

José Roberto
Espindola
Xavier

Comemoramos, em 2021, 73 anos da autonomia de São Caetano do Sul. Primeiramente, agradecer os audazes articuladores vivos do feito de 1948, Desiré Malateaux, Mário Porfírio Rodrigues e Ettore Dalmas, e reverenciar a memória de todos os demais que já nos deixaram. A pequena grande São Caetano teve, nesse período, apenas nove mandatários eleitos para o poder executivo, indicando uma política conservadora que reflete o tradicionalismo das suas raízes familiares. Experimentou grande desenvolvimento econômico com sua industrialização e comércio nos seus exíguos 15km², sob o comando de núcleos oligárquicos de imigrantes ou migrantes, que influenciaram sobremaneira nos processos eleitorais locais. É hoje uma cidade acolhedora, de notável Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) por sua expectativa de vida, renda per capita e Educação, tornando-se um lugar de grande procura para se morar.

História de sucesso, glória de um passado que cultuamos com gratidão. Agora é uma urbe cosmopolita e a palavra autonomia não mais reflete posse de território; antes, deve-se consubstanciar na autodeterminação da sua gente que, com grau de discernimento acima da média, não abre mão de exercer sua cidadania, sua liberdade de escolhas, seu direito de opinar e participar sem constrangimentos e sem ameaças pessoais. Somos pouco mais de 160.000 vidas inseridas no coração de uma megalópole, cercados pelos conflitos de 15 milhões de habitantes. Não somos a ilha paradisíaca que a maquiagem do marketing político projeta na tela da fantasia; não é possível construir muros para nos isolarmos da realidade que nos cerca. Não devemos nos alienar.

Compreendido o óbvio, escancara-se a necessidade de governos com coalizões intermunicipais regionais ativas, pensantes coletivamente, articulados no âmbito estadual e federal e imunes às idiosincrasias entre prefeitos e pre-

feituráveis. Uma visão otimista de futuro não pode deixar de contemplar princípios básicos democráticos, como a alternância no poder, interrompendo ciclos que tendem a vieses de autocracia, a ranços coronelistas, tão bem descritos por Raymundo Faoro no seu clássico *“Os Donos do Poder”*. A arrogância e o ensimesmamento egocêntrico ditatorial são surdos aos apelos da razão que não sejam os da sua ética utilitarista e apequenam a diversidade do debate. Esta conduta turva a transparência, maior inimiga da corrupção, seja nas ideologias de esquerda ou de direita.

A Nova Autonomia exige não compactuar com candidatos a ditadores, que crescem nos infortúnios como a pandemia atual, quando cemitérios eloquentes expõem a vulnerabilidade da raça humana frente a um vírus. O best-seller *“Como as Democracias Morrem”* (Steven Levitsky e Daniel Ziblatt), relata outros tantos modos para se perpetuar no poder, a começar pelo próprio processo eleitoral. ... “É assim que os autocratas eleitos subvertem a democracia - aparelhando tribunais e outras agências neutras e usando-os como armas, comprando a mídia e o setor privado (ou intimidando-os para que se calem) e reescrevendo as regras da política para mudar o mando de campo e virar o jogo contra os oponentes. O paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo é que os assassinos da democracia usam as próprias instituições da democracia - gradual, sutil e mesmo legalmente - para matá-la”. Impingindo medo, desqualificando opositores ou aliciando caracteres vendáveis, déspotas se blindam e se asseguram no poder. Maquiavel que o diga.

Mas, o tempo, senhor da razão, coloca os louros nas cabeças certas. Assim, os que se digladiam politicamente em tempos de hoje, em louvor aos honrados cidadãos que ajudaram a construir a História vitoriosa desta cidade, não desvirtuem este passado glorioso! Preservem suas biografias, cultivando a Nova Autonomia!

Crônica para uma cidade amada

Feliz aniversário, São Caetano do Sul. Neste teu dia, permite-me ousar uma homenagem que, por mais fiel e autêntica, sempre ficará aquém dos teus predicados, pelo protagonismo que exerces entre os milhares de municípios brasileiros.

Confinado, grupo de risco para a Covid-19, escrevo da sacada do apartamento em que moro, meditando no rigor desta pandemia que nos isola e ameaça a vida de todos. Observo o trânsito agora livre e os poucos mascarados que se aventuram em sair de casa. Vem-me à mente teu hino, lembrando-me das datas festivas:

“São Caetano pequeno gigante”...

Embora não me origine do teu chão, Pequeno Gigante, para mim és a base que sustentou o berço das minhas ambições e proporcionou momentos inesquecíveis na minha vida. Nesta terra, em harmônica miscigenação, corre nas veias o sangue dos Beneditinos, dos imigrantes europeus, dos irmãos nordestinos e de tantas outras correntes que aqui empregaram a força do seu trabalho, artífices de notável crescimento e prosperidade.

“És cidade, trabalho, és progresso”...

Mudaste muito desde que aqui cheguei, há mais de 45 anos, e iniciei minhas atividades como médico eivado com sonhos da juventude: na maleta, os instrumentos da arte; na mente, a vontade maior de ofertar o melhor da minha ciência; e, no coração, a certeza de que chegara ao lugar certo. Ao longo dos anos vieram os clientes e os amigos, e a convivência com este povo acolhedor gerou fortes laços de fé e confiança mútuas, raízes sólidas que unem os que te amamos, aplaudindo sempre o teu sucesso em inequívocas e sinceras manifestações de gratidão.

“Do triângulo, joia rara, dá exemplo do teu vigor, e tua luta não para, é grande o teu valor”...

Quanta gente nova chegou! Quantos amigos já nos deixaram!

Abraçada pelo ângulo leste/sul de São Paulo e pelos santos André e Bernardo, tu te destacas no cenário nacio-

nal em Saúde, Educação, amparo à terceira idade e outros quesitos que te fazem campeã nacional no IDH

“Do passado nos resta a lembrança de heróis que souberam te erguer”...

Além do agradecimento, temos como dever cívico reverenciar a memória dos valentes autonomistas que estão no Oriente Eterno e abraçar nesta data os símbolos vivos da heroica conquista de 1948: Desiree Malateaux, Mário Porfírio Rodrigues e Ettore D’Almas.


“Mais e mais chaminés se levantam”...

Tempos são outros agora e no exíguo espaço de 15 km² talvez não caibam mais chaminés, mas sim, preservando as inestimáveis conquistas materiais do trabalho, esmerar-se no desenvolvimento de um capital humano de elevada formação intelectual. Sê, pois, São Caetano, berço de uma educação superior de alto nível; torna-te referência no contexto da inteligência emocional e artificial para que, no futuro, não percas tua situação privilegiada. Esta evolução não requer grandes espaços físicos, mas sim investimentos com gestão e planejamentos diferenciados.

“Para frente, para frente, São Caetano tu tens que crescer”...

Cresceste e te tornaste uma urbe cosmopolita sem que nem todos se conscientizassem do fato. O charme do provincianismo ficará registrado na História como relicário sentimental aos que nos precederam e admiravelmente cumpriram seus papéis ao longo destes 143 anos. Solidários na peste que nos assola, os que saímos vivos, aprenderemos que crescer nesta megalópole de conurbação sem fronteiras só será possível com um povo lúcido e governos honestos unidos, com o empoderamento de um Consórcio Intermunicipal que priorize equanimemente os interesses comuns e com coerentes em votos não contaminados pela subserviência. Que tu faças valer os princípios republicanos às oligarquias do vale tudo pelo poder, aos autocratas com ranço do coronelismo anacrônico, ensimesmados por políticas de quintal, por vaidades e interesses pessoais que nos atrasam, desagregam e apequenam a diversidade do debate sadio.

Mas hoje, nesta data querida, eu só queria mesmo comer um pedaço de bolo na praça, ao pé da Paróquia de São Caetano, no bairro da Fundação.

Parabéns para ti! 

José Roberto Espíndola Xavier
Cadeira 24 -Patrono Alberto de Oliveira

O DISCRETO OLHAR SOBRE A ESPERANÇA

*Maria do Céu
Formiga de
Oliveira*

O que dá sentido à vida pode descer do céu aos poucos, feito discreta bruma. Nós nos construímos pelos toques que recebemos, cujas textura e temperatura não esquecemos jamais!

Os anos vão se passando e ventos inadvertidos vão batendo na soleira do nosso coração, velhos medos vão embora, novos aparecem. A esperança de uma existência leve e descompromissada como os lírios do campo e as aves do céu parece que escapa mesmo antes que a primavera desvaneça.

Falar de esperança é meu desejo agora...

Filósofos, teólogos e pensadores sobre a interioridade humana têm falado, ao longo dos séculos, sobre o papel importante que esse sentimento desempenha em nossa vida.

Falar sobre esperança quase sempre nos remete à virtude que, agregada à fé e ao amor, forma a tríade das virtudes teológicas da religião cristã.

Isso não aconteceu, por outro lado, com a tradição filosófica. Poucos filósofos gregos escreveram e falaram sobre a esperança, não lhe deram destaque no acervo de suas doutrinas.

Os textos gregos que mais falam sobre a esperança são os textos religiosos, uma vez que ela é vista como força que sustenta a caminhada do povo de Deus através dos tempos.

A esperança tem um papel construtivo na dinâmica da temporalidade humana, do próprio existir do homem no mundo.

A psicologia da religião está se tornando cada vez mais importante, principalmente por causa de uma série de estudos empíricos recentes, sugerindo que a crença religiosa pode desempenhar um papel positivo significativo em relação ao bem-estar.

A disciplina explora, tradicionalmente, questões tais como: o modo pelo qual a fé religiosa se desenvolve e amadurece; as maneiras pelas quais pode ser benéfica ou nociva; as diferentes respostas religiosas associadas a vários tipos de personalidade; e os mecanismos cerebrais subjacentes à experiência religiosa.

Religião e ciência são duas forças culturais significativas e interessantes no mundo de hoje.

Um caminho longo e rico eu teria agora a percorrer se a intenção fosse explorar o que esses dois parceiros podem aprender um com o outro e onde divergem.

Muitas pessoas são atraídas a estudar a relação entre ciência e religião porque é uma área interdisciplinar. Em outras palavras, ela oferece uma visão mais rica e grandiosa do nosso mundo, do que seria possível a qualquer um desses parceiros de diálogo por conta própria.

Nem ciência, nem religião podem oferecer uma descrição total da realidade. No entanto, juntas, podem nos oferecer uma visão estereoscópica da realidade negada àqueles que limitam a perspectiva a apenas uma disciplina.

O filósofo espanhol José Ortega Y Gasset é um dos muitos a argumentar que, para levarem uma vida realizada, os seres humanos precisam mais do que a criação parcial da realidade que a ciência oferece.

Precisamos dar um “panorama geral”, uma “ideia integral do universo”. Qualquer filosofia de vida, qualquer maneira de pensar sobre as questões que realmente importam, de acordo com Ortega, acabará indo além da ciência, não porque haja algo de errado com a ciência, mas justamente porque ela é tão focada e específica em seus métodos:

Deixo de lado a guerra que foi estabelecida no século XIX entre ciência e religião e opto pela observação de Al-

bert Einstein: “a ciência sem religião é manca, a religião sem ciência é cega”.

Acredito ser possível olhar para a esperança como pulsão de vida (Eros) e, para a desesperança, como pulsão de morte. Ver a esperança como uma disposição interior ou mesmo força psíquica que alimenta o desejo de caminhar, de seguir na direção de um objeto que faz diferença a quem o deseja, uma visão que brota, um apelo que convida a caminhar e ir sempre adiante pelas estradas da vida. Independentemente do que temos vivido, mais de um ano nos sobressaltos, na angústia das estatísticas, no limite da esperança.

Quem não espera, fecha ativamente as portas para o encontro, pois este só é possível quando existe uma abertura interior.

Só vê acontecer aquele que espera, aquele que continua esperando, independentemente de todas as dificuldades que possam surgir no caminho da procura.

Há um momento em que a razão não alcança a experiência, como espaços e vazios que clamam por companhia no coração.

A ideia do olhar que contempla a transcendência não serve para simplesmente acalmar, mas para inspirar, fruto da recusa de que a vida se esgota em si mesma.

A esperança caminha junto com a capacidade de honrar a vida.

Tenho trazido desse tempo, tão cheio de aforismos, um tiquinho do eterno, a inclinação para salmodiar meus dias, o olhar que busca o momento apaziguante das pequenas coisas e a esperança de que, apesar de tudo (tudo mesmo!), não se pode perder o “flow” da vida. **¶**

Maria do Céu Formiga de Oliveira
Cadeira 38 - Patrono Mário Quintana

OS LITERATOS: HAROLDO SANTOS ABREU, PAULO MARÇAL DE OLIVEIRA, OCTAVIANO ARMANDO GAIARSA

*José Bueno
Lima*

Haroldo Santos Abreu, Dr. Paulo Marçal de Oliveira e Dr. Octaviano Armando Gaiarsa — a eles, grandes cidadãos merecedores de muito respeito e admiração.

Dr. Haroldo Santos Abreu era advogado e mineiro de Ouro Fino. Frequentava Santo André por ter parentes na cidade. Posteriormente, passou a residir ali por razões profissionais. Desde então, enfronhou-se na sociedade andreense participando ativamente. Escrevia para jornais, fez parte da diretoria da Associação Comercial e Industrial (ACISA) e foi Secretário de Assuntos Jurídicos. Trabalhou em outros órgãos públicos e privados. Mas não é a essa faceta que quero me referir. Como ambos pertencíamos ao Rotary Clube de Santo André, soube de seus dotes literários e de suas produções. O jornalista Ademir Médici, em um de nossos inúmeros contatos, ofereceu-me um livro de autoria do Haroldo — *Crônicas e Poemas de um Encantado*. Também, escreveu uma peça em homenagem ao Dia do Amigo. Por essa ocasião, nascia em mim o desejo de escrever sobre minhas recordações do tempo de infância e juventude, em forma de crônica, o que, em parte, resultou no meu livro “Um Passado Sempre Presente”.

Fiquei abismado com sua cultura e dotes literários. Suas crônicas e seus poemas são de pureza extraordinária e de profundidade imensurável, deixando o leitor embevecido com sua retórica. Seu livro serviu-me de estímulo para que enveredasse pelo caminho das letras, ainda que em tempo algum terei os predicados literários do ilustre advogado.

Paulo Marçal de Oliveira era médico e mais conhecido como Dr. Paulo Marçal. Foi casado com a advogada Maria Ignez Pinheiro Marçal, vizinha e amiga de minha mulher, Lara. Sabia de sua fama como médico respeitado e considerado. Foi por intermédio do pai de Marcos, concunhado de meu filho Felipe, que tomei conhecimento de sua extensa cultura. Faleceu repentinamente deixando escrito um livro que não chegou a publicar, mas que mais tarde seria editado e publicado por seus filhos: “Não estamos Sós”, crônicas sobre passagens de sua vida e muitos casos que atendeu durante o exercício de sua profissão.

Se fosse apenas isso, tudo estaria dentro de uma determinada normalidade. Mas não, cada crônica é uma preciosa obra literária, tirando-o do lugar comum. Em todas, exhibe com fartura sua enorme cultura por citações dos diversos filósofos, sociólogos e pensadores, cujas obras contribuíram para a formação da história universal. Absorvi muitos ensinamentos lendo seu livro e, quando o abro aleatoriamente, encontro em cada página seus conceitos. Um autor que respaldou sua obra nas lições dos grandes mestres escritores e pensadores. E nas narrativas de seus humildes clientes, que nas horas difíceis da vida, quando lhes restavam poucas chances de sobrevivência, deram-lhe exemplos de desapego e de reconforto.

Dr. Octaviano Armando Gaiarsa. Meu contato com ele se deu 15 anos antes de sua morte. Membro de uma das famílias mais tradicionais de Santo André. Filho de Ângelo e Anna, seu pai era proprietário de uma carpintaria onde meu tio Gonçalo Tavares, casado com a irmã de minha mãe, a tia Tereza, trabalhava. Em fevereiro de 1953, há 61 anos, meus pais comemoraram suas bodas de ouro no sítio da família Gaiarsa.

Tinha dois irmãos, ambos médicos: Orlando e José Ângelo, que ficou famoso no Brasil e no exterior pelo fascinante trabalho que realizou na psiquiatria. Faleceu recentemente. Teve quatro irmãs: Norma, Maria de Lourdes, Teresa e Marcelina Helena, que se tornou freira.

Um aristocrata. Alto, magro, elegante, que, por sua postura e porte, evidenciava a figura de homem culto.

Casado em segundas núpcias com Dona Judi, que foi sua companheira de todas as horas. Não poderia falar sobre sua carreira de médico, pois via-o apenas como, como excelente escritor. Sua lavra, em seu memorável livro “A cidade que dormiu três séculos”, fala-nos da história de Santo André. Escreveu também “Minhas Leituras”, onde relata suas leituras prediletas. E em outro, relata suas pesquisas sobre os variados tipos de escritas dos povos.

Homem de vasta cultura que honrou o nome de nossa cidade com seu trabalho de historiador e conhecedor da memória local. Foi reconhecido pelo Município, que deu seu nome ao Museu de Santo André, um dos mais importantes da cidade. Oficializado museu em 1982, hoje ocupa um edifício que, na verdade, foi projetado e desenvolvido em 1914, pelo arquiteto José Van Humbeeck, e construído pelo Estado de São Paulo, para ser o Primeiro Grupo Escolar de São Bernardo.

Os três exerceram grande influência sobre meus arroubos literários. Tenho seus livros sempre à mão e deles extraio belas lições!

Ilustres cidadãos que, por sua imensa contribuição para as letras andreenses, mereciam homenagens significativas. **T**

José Bueno Lima

Cadeira 14 – Patrono Álvares de Azevedo

Poesias

LOUCA MIRAGEM

*Não me deixe aqui dentro.
Estou aqui de castigo
me leve para casa
eu estou em perigo.
Há pessoas morrendo
sem ter mal algum!
Enquanto ouço sussurros,
pode anotar mais um.
Será que o mundo
se esqueceu que a vida
não pode ser a contagem
de qualquer homicida?
Parece que tudo
está fora de lugar!
Todo o mundo com medo
de se contaminar.
Se isolam nas tocas
sem perceber que o mal
não é o que parece
E o fato é real.
Peçamos a Deus
que nos dê coragem
para combater o medo
dessa louca miragem.*

INVISÍVEL, MAS PRESENTE

*Ah, que saudade
dos tempos de outrora!
Não havia máscara
no rosto
e nem desgosto
das pessoas
como vejo agora.
O medo invade
nossas casas!
O pavor surge
com as baixas
pelo mal criado
que dilacera
nossas carnes.
Ser pequeno,
mas raivoso.
Consome vidas
e corrompe
os sentimentos.
Aloja-se
em nossas mentes
e nos causa medo.
Invisível,
mas presente.*

PAROU PARA VER

*Um dia alguém falou
que o mundo iria parar.
E parou
como vemos agora!
Parou para ver
o mal que nos assola.
Parou para ver
o medo que nos controla.
Parou para ver
que há maldade escondida
em cada vida perdida.
Que pode render algum
dividendo para alguém!
A vida para todos
vale muito,
mas para alguns
vale dividendos.
Não é possível acreditar
no que nos dizem
a toda a hora,
que nos prende
em nossas casas*

*e nos massacra
com informações.
Informações falsas
que nos dividem,
que nada ajudam
em termos práticos
e que nos levam
a temer o pior.
E ainda nos tolhem
o direito de ir e vir.
Não nos deixam trabalhar
para o sustento de nossos filhos,
que sofrem sozinhos
e se decepcionam com a vida.
Os nossos nervos
já não se controlam!
A cada dia que passa
o futuro se pulveriza.
Não há luz momentânea
nesse túnel escuro.
Quem viverá,
quem morrerá?*

CREIO EM DEUS

Fecha, fecha,
tranca tudo,
prende a honra
das pessoas.
Surta o povo,
mata gente,
humilha o pobre
e assim dezoas.
Dita ordens
desconexas,
empurra tudo
para o ralo.
Nesse tranca, tranca
surge o medo,
cai o pano,
dói o calo.
Como pago
a minha conta?
Como calo
o choro da criança?
Como durmo
sem pensar
no amanhã
sem esperança?
Como acordo
de manhã?

Se ainda,
casa haverá?
Se hoje
sobrevivi,
amanhã
como será?
Meu emprego
já se foi!
Meu futuro?
Nem pensar!
Minha vida,
se isso é vida,
tenho sim,
que me contentar.
Mas creio em Deus!
E um dia virá
a me mostrar a paz
e me ouvirá.
Vai vencer a força
que me oprime,
vai matar a fome
que existirá.

TRISTE PONTO NA MEMÓRIA

Mais um ano que se passa
e eu espero que refaça
o que não pude fazer.
Foi um ano diferente
que assustou a nossa gente
e alterou nosso viver.
Mais que um ano de sanções
não poupou decepções,
fez de nós simples refêns.
Foi-se um ano melancólico
com alto teor alcoólico
para salvar os nossos bens.
Em todo o ano nós fomos enganados,
também fomos lacrados
por pressões autoritárias.
Que foi esse ano, simples ameaça?
Ou formas de trapaça?
Ou posições contrárias?!Foi um ano com um fato
alarmante ao contato.
Mentiroso ou inventado?
A vida, nesse ano, foi marcada
por uma coisa mal agourada,
um vírus chinês importado.
Vi nesse ano muito álcool em gel
e muita tristeza pelo céu.
Rostos mascarados, sem sorrisos
Alegria nesse ano não foi percebida,
ou, então, foi proibida
pelos opressores em forma de avisos.
Foi um ano para se esquecer,
para apagar do bem viver.
Triste ponto na memória!
Que o novo ano traga a esperança
aos olhos inocentes da criança,
seja o recomeço da nossa história! **T**

Sebastião Geraldo F. Gomes
Cadeira 01 — Gustavo Teixeira

TONEL DAS DANAIDAS

Caprichos radiantes, dias de esplendores!
Em cada aventura toda a maravilha
das graças de Silvia, Débora, Dolores,
supremo fervor de Zilda e de Lucília...

Amei como louco num dossel de flores...
Dias de alegria, e noites de vigília!
Em plena existência, múltiplos amores
dissipei, e minha estrela já não brilha.

Sou um sonhador, um poeta sem a paz,
quisera as formosas todas deste mundo
para meu consolo e encanto do meu ser.

Mas meu coração jamais se satisfaz,
é como o tonel das loucas, sem o fundo:
tanto se porfia, tanto, sem se encher!...

A NOITE É SUAVE

A noite é suave... Oh, lirial ventura
de quem ingressa na região do sonho...
A minha amada tem um ar risonho
e uma expressão de paz e de candura!...

Dormir... Sonha... A cada instante sonho
sempre acordado, com a ideal criatura
que me consola, dando-me ternura —,
— flor sem igual dos carmes que componho!

Longos momentos fico junto dela,
lembrando lances da existência inteira
enquanto a noite avança suave e bela

Agora vejo, que a expressão dos anjos
nos seus perfeitos e finais arranjos,
tem o perfil da doce companheira!...

OLHOS VERDES

Seus olhos são de um verde emaciado,
como as moléculas fulgindo o mar,
ou como a difração da luz solar,
sinal do céu num ser predestinado.

Olhos que lembram um pequeno altar,
onde, talvez, o amor já foi jurado,
e onde se leva o coração magoado,
sempre o mistério — encanto desse olhar! —

E do interior emana uma verdade:
os bens, então fugidos, mundo afora
foram dispersos pela brisa mansa...

Um bem restou, e tudo persuade
que nesses olhos verde-mar aflora
a divinal, dulcíssima esperança!...

VERÃO NA BAHIA

Danças em tudo, brilhos luminosos...
Nas dunas brancas, nas areias quentes,
na formação das plantas viridentes,
por sobre os templos líriais, gloriosos...

Brilhos nos montes altos, silenciosos,
nas dimensões agrestes e candentes...
Raios de sol verberam, refulgentes,
com a força de mil corcéis fogosos!

Descamba o sol. Cigarra silencia,
sopra do mar aberto a brisa fria,
rosas no céu... Aos poucos escurece.

Na altura, estrelas. Luzes cá na terra,
hora de paz, meditação e prece
por essa graça azul que se descerra!... **T**

ANGÚSTIA

Estou cansada de viver chorando
de prantear amigos e parentes...
— Como posso meu Deus, viver contente
se passo os dias só me lamentando?

Há muitos anos mágoas vou juntando
e as lembranças vivas são presentes
daqueles que se foram... Entrementes
tudo que sofro escapa ao meu comando.

Não posso segurar tanta tristeza!
Estou no mundo só e sem defesa,
no mais frio e cruel esquecimento...

Aqueles que eu amei foram-se embora,
e a minha alma entristecida chora,
como chora, meu Deus, neste momento.

ÚLTIMA ESPERA

Quero que a Morte venha sorrateira,
sem que eu esteja triste à sua espera:
Numa tarde de sol de primavera
e um cheiro de flor na casa inteira.

Deixar p'ra trás meus sonhos e quimera
de uma vida fugaz e passageira
vendo chegar a hora derradeira,
sem aquela agonia que exaspera.

Sentir a brisa tênue no meu rosto
sem entraves de raiva e de desgosto
e mostrar um sorriso leve, terno...

Fechar os olhos vendo o sol morrendo,
alguém ao lado para mim dizendo:
Descanse em paz! Durma seu sono eterno!

NOITE TRISTE

A noite está escura como um breu...
Ninguém está passando pela rua...
Nenhuma folha pelo ar flutua,
a noite está mais triste do que eu.

Nem há sinal de que virá a Lua...
Nem um ponto de luz apareceu...
Tudo é silêncio! Tudo se escondeu!
Nesta noite sombria, feia e nua.

Ao longe late um cão! Quebra a quietude!
E só assim meu coração se ilude
Que a tristeza está dentro de mim...

Que a noite é feita para dar descanso
Criar um ambiente terno, manso
Para as tristezas do dia terem fim.

TRAMA

Mais um dia que passa sonolento...
Mais horas de tristeza e abandono...
Eu sozinha nesse isolamento
sem autoestima, sem amor, sem sono.

Já fui rainha, mas perdi meu trono,
vesti-me em rendas, num deslumbramento,
- Ao pensar no passado, perco o sono,
e inteira me entrego ao desalento.

A vida nos dá prêmios e castigos,
nos rouba a Fé, os entes, os amigos
numa trama perfeitamente urdida,

Nos fere, nos maltrata e espezinha
e nos joga sem dó no fim da linha,
numa rua deserta sem saída. **¶**



ISSN 2447-438X

